

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA

PROJETO SINDICAL CONSERVADOR NO BRASIL: O CASO DO INSTITUTO
CULTURAL DO TRABALHO (1963 - 1967)

LEONARDO BARBALHO DOS SANTOS

Rio de Janeiro

2018

LEONARDO BARBALHO DOS SANTOS

PROJETO SINDICAL CONSERVADOR NO BRASIL: O CASO DO INSTITUTO
CULTURAL DO TRABALHO (1963 - 1967)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Bacharel em História

Orientador: Dr. Renato Luís do Couto Neto e Lemos

Rio de Janeiro

2018

RESUMO

DOS SANTOS, Leonardo Barbalho. **PROJETO SINDICAL CONSERVADOR NO BRASIL: O CASO DO INSTITUTO CULTURAL DO TRABALHO (1963 - 1967)**. Orientador: Renato Luís do Couto Neto e Lemos. Rio de Janeiro: UFRJ / IH / Departamento de História, 2018. Monografia (Bacharelado em História)

Este trabalho analisa a tentativa de construção de um projeto doutrinário sindical anticomunista, reacionário e conservador realizado pelo Instituto Cultural do Trabalho entre os anos de 1963 e 1967 no Brasil. Este recorte temporal foi determinado pela estrutura criada e mantida pelo Instituto no período. Sendo 1963 o ano de sua fundação, e 1967 ano de uma reforma educacional, organizacional e administrativa. Esta instituição teve patrocínio do empresariado, governo e instituições sindicais norte americanas que operavam suas ações com dinheiro da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e controlado pela Agência Central de Inteligência (CIA).

ABSTRACT

DOS SANTOS, Leonardo Barbalho. **CONSERVATIVE TRADE UNION PROJECT IN BRAZIL: THE CASE OF THE CULTURAL INSTITUTE OF LABOR (1963 - 1967)**. Advisor: Renato Luís do Couto Neto e Lemos. Rio de Janeiro: UFRJ / IH / Department of History, 2018. Monograph (Bachelor of History)

This paper analyzes the attempt to construct an anticommunist, reactionary and conservative syndicalist project carried out by the Cultural Institute of Labor, between the years of 1963 and 1967 in Brazil. This temporal cut was determined by the structure created and maintained by the Institute in the period. Being 1963 the year of its foundation, and 1967 year of an educational, organizational and administrative reform. This institution was sponsored by the US business, government, and trade union institutions that operated their actions with money from the United States Agency for International Development (USAID) and controlled by the Central Intelligence Agency (CIA).

SIGLAS

AFL-CIO: *American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations*

AIFLD: *American Institute for Free Labor Development*

CGT: Comando Geral dos Trabalhadores

CIA: *Central Intelligence Agency*

CIOLS: Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres

CTB RJ: Confederação dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil

CUT: Central Única dos Trabalhadores

FSM: Federação Sindical Mundial

IADESIL: Instituto para o Desenvolvimento do Sindicalismo Livre

IBAD: Instituto Brasileiro de Ação Democrática

ICT: Instituto Cultural do Trabalho

IPES: Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

MPT: Ministério Público do Trabalho

MSD: Movimento Sindical Democrático

OIT: Organização Internacional do Trabalho

ORIT: Organização Regional Interamericana de Trabalhadores

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PTB: Partido Trabalhista Brasileiro

SECRJ: Sindicato dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro

USAID: *United States Agency for International Development*

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 - Breve histórico sindical brasileiro nos anos 60	11
Capítulo 2 - Organizações sindicais conservadoras	17
Capítulo 3 - O programa educacional do Instituto Cultural do Trabalho	37
Considerações Finais.....	50
Bibliografia	53

O bolchevismo está batendo em nossa porta. Não podemos permitir que ele entre. Temos que nos organizar contra ele, unir os ombros e aguentar firme. Devemos manter a América inteira, salva e imaculada. Devemos manter o trabalhador afastado da literatura vermelha e do logro comunista; devemos cuidar que sua mente permaneça sadia.

Al Capone

INTRODUÇÃO

No período que antecede o golpe civil-militar de 1964, o sindicalismo brasileiro esteve dotado de uma grande capacidade de mobilização e combatividade.¹ As greves deflagradas no início da década de 60 exerceram forte pressão sobre o governo, empresas públicas e privadas, como descreve a pesquisadora Silvia Maria Manfredi²:

A combatividade e o alto poder de mobilização do movimento sindical no início da década de 1960, podem ser expressos pelo recrudescimento das ações grevistas que atingiram em 1960, '1,5 milhões de trabalhadores e 3,3 milhões de horas de greve' 'Em 1963, eclodiram cerca de cento e vinte greves, contra aproximadamente cinquenta e cinco em 1962.'³

O movimento sindical saiu dessas lutas muito fortalecido e conquistando uma série de vitórias nos planos econômicos e políticos. Houve paralisações em prol de reposição salarial para diminuir os efeitos da inflação, aumento do salário mínimo, 13º salário, por avanço das reformas de base, pressão para a posse de João Goulart, pela volta do presidencialismo e contra a ameaça de estado de sítio em outubro de 1963⁴. Esta agenda sindical, contudo, não significa que todos os sindicatos estivessem coesos, caminhando em uma mesma direção e com os mesmos objetivos. Coexistiram diversas correntes político-ideológicas no movimento sindical naquele período. Cada um em busca de seus objetivos e por vezes esses objetivos foram completamente opostos.

Pretendemos introduzir nesta monografia diferentes visões de sindicalismo da época, entretanto com enfoque específico. Temos como objetivo problematizar a existência, o projeto educacional e os objetivos de uma instituição que não fazia coro a essas vitórias citadas acima.

¹ Reforçamos o uso do termo civil-militar para destacar a participação decisiva da sociedade civil na conspiração e na ação do golpe.

² Estudiosa de Educação e Educação Sindical da UNICAMP.

³ CASTRO, Sandra. “**Apogeu e crise do populismo – (1945 – 1964)** in Movimento operário brasileiro 1900/1979, do Coletivo “Edgar Leuenroth”, Ed Vega, Belo Horizonte, 1980, p. 31 Apud MANFREDI, Silvia Maria. Educação sindical entre o conformismo e a crítica. Coleção Educação popular, Editora Loyola, 1986 p 75

⁴ MANFREDI, Silvia Maria. **Educação sindical entre o conformismo e a crítica**, Coleção Educação Popular, Editora Loyola, 1986. p. 37.

Essa instituição é o Instituto Cultural do Trabalho (ICT) que foi criado em abril de 1963 na cidade de São Paulo para “difundir uma orientação político-sindical nitidamente anticomunista, antipetebista” ou “doutrinar, planejar e construir através de cursos, palestras, excursões e seminários, um movimento sindical democrático, anticomunista e antipetebista”.⁵ Mesmo com este direcionamento político-ideológico, pretensamente se denominava como um movimento apolítico e apresentava uma visão bem específica de sindicalismo, o “sindicalismo livre”, “sindicalismo de negócios” ou “sindicalismo democrático”.

O modelo de “sindicalismo livre” proposto pelo ICT está baseado em quatro premissas segundo Silvia Maria Manfredi:

- A primeira é um ataque ao sistema legislado das relações de trabalho, sugere a exclusão do estado da equação, passando a responsabilidade exclusiva para o sindicato e os trabalhadores;
- A segunda premissa é de que o sindicato deve servir de instância de concórdia das diferentes classes sociais;
- A terceira, enquanto afirma que o capital e o trabalho são forças equivalentes que devem caminhar paralelas. Comunga com a tese de que o papel do sindicato é trabalhar para aperfeiçoar os defeitos do capitalismo, do liberalismo e personalismo econômico, sem nunca tentar superá-lo;
- A última premissa é de que os objetivos do trabalhador poderão ser alcançados através de um sindicalismo que contribua para o aumento da produtividade e diminuição de custos de produção.

Como se pode observar é uma visão bem singular, incomum nos sindicatos brasileiros. Aposta em um modelo mais “contratualista” que legislado e é apresentada como sendo a maneira moderna, pois seria aplicada nos países desenvolvidos.

Os fundos financeiros do ICT foram arrecadados de desvios de operações da Agência Central de Inteligência conhecida como CIA (Central Intelligence

⁵ MANFREDI, 1986 p. 80.

Agency), do empresariado e entidades sindicais norte americanas. Sobre isso será explorado com maior profundidade mais adiante.

A justificativa para a realização desta monografia está relacionada à função social que emerge do assunto tratado. As relações de trabalho são parte fundamental da constituição de nossa sociedade e não podemos deixar de notar que hoje sindicatos que, em determinado momento histórico, combateram o *statusquo* se afastaram em sua maioria do cotidiano dos trabalhadores e existem em alguns casos apenas como instâncias de negociações de reajuste salarial, de arrecadação de taxas, e de disputa em negociações de convenções coletivas de trabalho, quando não são usadas como plataforma de sustentação político-partidária, à exemplo das centrais sindicais como a CUT e a Força Sindical.⁶ O objetivo do “sindicalismo de negócios”, que é o termo associado a esta onda “modernizante” no sindicalismo, busca se adaptar ao modelo social, sem nunca tentar superá-lo, como fizeram os sindicatos anarquistas no início do século XX no Brasil.

O interesse por estudar o sindicalismo nasceu de uma experiência pessoal. Durante seis anos fiz parte da base de trabalhadores do Sindicato dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro - SECRJ - com mais de 400 mil trabalhadores no setor. Passei a ter interesse no assunto quando, em 2015, uma operação do Ministério Público do Trabalho encerrou o que foi chamado pelo presidente da Confederação dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil (CTB-RJ), Ronaldo Leite, de “Dinastia da Família Mata Roma” no SECRJ.⁷

Luizant Mata Roma, assumiu o SECRJ em 1966 através de uma intervenção do governo civil militar, e lá ficou por quarenta anos até sua morte, vindo a ser sucedido por seu filho, Otton Mata Roma, até sua destituição por meio de uma intervenção do MPT. Por decisão da 19ª vara do trabalho no ano de 2015, foi acusado de desvios que chegavam a 100 milhões de reais apenas nos últimos cinco anos de mandato (2010 – 2015) e de não recolher verbas trabalhistas dos empregados do sindicato. Além disso, Otton não era sequer

⁶ No primeiro semestre de 2016 apenas 24% das negociações resultarem em aumentos salariais acima da inflação de acordo com um estudo do **DIEESE** <http://www.dieese.org.br/balancodosreajustes/2016/estPesq81balancoReajustes1semestre2016.pdf> Acessado em 04/09/2016

⁷ Notícia sobre a eleição que substituiu o presidente do SECRJ <https://portalctb.org.br/site/estaduais/sudeste/rio-de-janeiro/ctb-vence-eleicao-no-sindicato-dos-comerciantes-do-rio-de-janeiro> acessado em 19/04/2018

comerciário, contrariando o preceito legal para ser o representante dessa categoria, e sim empresário. Oficialmente, no momento de sua deposição, era dono de duas empresas, uma de táxi aéreo e outra um mercado de carnes. No sindicato seu salário mensal ultrapassava os 50 mil reais e havia empregado boa parte da família com remuneração fora da realidade dos trabalhadores das redes de varejo.⁸ Por denúncia apresentada pelo Ministério Público do Trabalho, foi descoberto que Otton não era indicado para a presidência por meio de uma eleição, mas sim por meio de aclamação em assembleias que eram controladas por ele e seu grupo.⁹ Segundo os dados da página oficial do SECRJ na época da intervenção do MPT, apenas 0,01% da base de trabalhadores eram filiados ao sindicato, enquanto a média no Brasil varia em torno de 20%, segundo dados colhidos em 2017.¹⁰

Mesmo com essa baixa adesão, por lei era o legítimo representante dos trabalhadores do setor, arrecadando o “imposto sindical”¹¹ de todos os trabalhadores. Como resultado disso, a base de trabalhadores deste sindicato historicamente é altamente explorada no Rio de Janeiro, são muitas as denúncias de carga horária excessiva e o piso salarial é um dos menores do Estado em comparação com outras categorias e, de acordo com a nova diretoria do sindicato, a rotatividade nos postos de trabalho ultrapassa a taxa de 60% anualmente.

Posteriormente, por indicação do professor Renato Lemos, decidi escrever sobre o Instituto Cultural do Trabalho - ICT. Buscamos dar visibilidade a táticas adotadas pelo grupo sindicalista “democrata” e suas

⁸ Notícia com a ação do MPT no SECRJ

<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/06/dirigentes-de-sindicatos-enriquecem-com-desvio-de-dinheiro.html> acessado em 08/04/2018

⁹A decisão referente ao afastamento de Otton Mata Roma e de sua diretoria com mais detalhes pode ser consultada no processo nº 0011159-97.2014.5.01.0000 (MS) do TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 1ª REGIÃO podendo ser consultado no seguinte endereço eletrônico:

<http://pje.trt1.jus.br/segundograu/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?nd=1411131142224880000002811860> Número do documento: 1411131142224880000002811860

¹⁰ Informações sobre os dados da classe dos comerciários do **SECRJ**.

<http://secrj.org.br/noticias/esclarecimento-a-categoria-secrj-sob-intervencao-da-justica-do-trabalho/> Acessado em 15/05/2016

¹¹ O imposto sindical é referente a um dia de salário do trabalhador e o recolhimento era obrigatório até 2017, quando foi extinta a sua obrigatoriedade pela reforma trabalhista. O valor é pago ao sindicato de sua categoria, econômica, profissional, ou de uma profissão liberal.

tentativas de dissuadir a luta dos trabalhadores contra o sistema, atuando tanto no campo da disputa política como no campo das ideias.

No início do trabalho, quando ainda não tinha definido qual seria o objeto da pesquisa, mas já pretendia falar sobre a vida sindical, entrei em contato com os livros de Silvia Maria Manfredi, que foi durante muitos anos pesquisadora de educação sindical no Brasil. Através da sua obra, tomei conhecimento da produção literária do ICT, além de alguns materiais de divulgação e propaganda. O ICT produziu uma série de “monografias trabalhistas” que explicitam a interpretação que tinham e pretendiam reproduzir nos seus cursos sobre sindicalismo. São vários os títulos:

Volume 1 - *Primeiras atividades*, Diversos autores,

Volume 2 - *Radiografia da liderança sindical paulista*, de José Vicente Freitas Marcondes,

Volume 3 - *Sindicalismo e cooperativismo – Evolução doutrinária e problemas atuais*, de Diva Benevides Pinho;

Volume 4 - *A rede sindical paulista*, de Orphelina Rabello;

Volume 5 - *Dois anos de atividades*, Diversos autores;

Volume 6 - *Capitalismo, socialismo e comunismo*, de José Pedro Galvão de Souza;

Volume 7 - *Inflação e sindicalismo*, de Dorival Teixeira Vieira;

Volume 8 - *Contrato coletivo de trabalho* de José Vicente Freitas Marcondes e

Volume 9 - *O líder sindical brasileiro*. José Arthur Rios.

Todas essas publicações já estavam agendadas para lançamento desde o ano de 1964. Em um complemento lançado ao livro *Sindicalismo e cooperativismo*, de 1967, consta na contracapa que os volumes 7, 8 e 9 ainda estavam para ser lançados, ou seja, o planejamento já estava sendo feito havia muito tempo pelos membros do ICT.

O livro *Síntese e memórias de Arthur Martins Filho*, secretário e assessor técnico de uma delegação de nove sindicalistas que viajou aos Estados Unidos e México em 1967 para realizar treinamentos e turismo sob os auspícios da Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais, AFL-CIO (*American Federation of Labor and Congress of Industrial*

Organizations), irá fazer parte da narrativa que utilizei para compreender como eram realizados os cursos e como era feito o contato dos americanos com os brasileiros.

Consegui, já no fim da pesquisa de material, acesso a uma apostila de um dos cursos do ICT chamado, “Cursos regionais de educação sindical”. A data de publicação não está informada, porém acredito que seja da segunda metade da década de 80, pois a referência mais recente a legislação feita é de uma portaria de 30 de abril de 1986 sobre eleições sindicais.

Para além do conteúdo do curso que fala sobre legislação, Justiça do Trabalho, história dos sindicatos e administração, a apostila está permeada da ideologia que se pretendia ser imposta aos alunos, de que já falamos. Como a negação da luta de classes, a omissão da existência dos sindicatos anarquistas quando mostrou um histórico do sindicalismo no Brasil e a propagação das melhores técnicas de negociação, são elas: a cooperação, a harmonia e a trégua armada. Apesar do distanciamento temporal da década de 60, foco deste nosso estudo, é fácil observar que algumas características já citadas sobre o ICT permaneceram no conteúdo dos cursos.

Irei utilizar as publicações oficiais do Instituto, que consegui comprando em sebos pela Internet, para sustentar a pesquisa sobre o processo de tentativa de enfraquecimento das lutas populares e progressistas em função de um projeto conservador e reacionário.

O objetivo deste trabalho é analisar a tentativa de construção desse projeto sindical realizado pelo ICT entre os anos de 1963 e 1967.¹² Para isso vou elaborar uma síntese dos interesses em questão que foram afetados pela iniciativa ou que pretendiam ser afetados. Este recorte temporal foi determinado pela estrutura criada e mantida pelo Instituto no período. O ano de 1963 foi o ano de sua fundação, e 1967 ano em que passou por uma reformulação do conteúdo de seus cursos e também de sua estrutura organizacional e administrativa. Essa reformulação mudou a composição do

¹² Podemos dividir em três períodos as ações americanas centradas nas atividades sindicais neste contexto de Guerra Fria: de 1945 a 1964, primeiros contatos do ALF-CIO com o sindicalismo brasileiro, buscando o afastamento das lideranças de esquerda e a apresentação do modelo norte-americano; 1964 até 1967, concentração dos investimentos através do IADESIL impulsionado pelo golpe civil-militar; e 1967 até 1978, um período de desgaste das relações, em função dos poucos avanços em uma possível implantação de um sistema sindical similar ao americano.

conselho administrativo do Instituto e a forma como os cursos estavam sendo elaborados, esta alteração foi uma resposta as divergências entre os membros que foram criadas ao longo do tempo. Em 1963 havia apenas a presença do patronato na direção do ICT, esse quadro passou a mudar e mais dirigentes sindicais foram fazendo parte do conselho até que por fim apenas um dirigente do Instituto Americano de Desenvolvimento do Sindicalismo Livre (IADESIL) continuou a fazer parte do conselho administrativo após 1967.

A busca pela implantação de um projeto de hegemonia, é a principal matriz de estudo da presente pesquisa. Antônio Gramsci formulou a teoria onde a conquista dos espaços de poder na sociedade não se daria mais apenas pela força e sim pelo convencimento através dos aparelhos culturais.

A imposição uma ideologia ou ideia, fica clara e explícita em um evento de crise, revolução e golpe, porém mais difícil de ser identificada quando passam a fazer parte do dia a dia em uma sociedade. Essa quebra de paradigma, da força para política, pode ser explicado através de alguns conceitos que se inter-relacionam. Tentarei com o auxílio da literatura de Dreifuss exemplificar. São elas o “Poder de Classe”, “Ação Política”, “Estratégia Política” e a “Tática”.

Para entendermos a questão do exercício do poder de uma classe, precisamos entender que ela não se resume à imposição de suas ideias, mas na reprodução de suas ideias no imaginário dos grupos subordinados como sendo também de seu interesse. Ampliando e consolidando sua posição.

Poder de classe corresponde mais no dizer de Hanna Arendt, à ‘habilidade humana de agir em uníssono’, do que ‘numa relação de comando e obediência’. E manifesta-se na capacidade de planejar e conduzir a ação política – deslançando as operações necessárias e possíveis – destinadas a alcançar o seu objetivo estratégico no interior de uma correlação de forças dadas, isto é, numa relação de conflito aberto ou institucionalizado. Esta capacidade é a expressão de uma relação assimétrica, em termos especiais situacionais, conjunturais e temporais humanos entre os diversos agentes sociais, que se modifica na interação em jogo... das forças de confronto.¹³

¹³ DREIFUSS, René Armand. **Internacional Capitalista. Estratégias e Táticas do Empresariado Transnacional**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986. p. 29

Não basta conseguir os meios para atingir seus objetivos: as classes ou grupos agem impedindo o seu adversário de obtê-los seja pela “violência física e material, a riqueza monetária e humana., aproveitamento de espaços ideológicos, interferência nas instituições, cassetetes policiais ou mobilizações militares” Apesar dessa relação ser a do convencimento e não da imposição, a forma como se atinge este estágio implica na necessidade de enfraquecer o opositor de maneira legal, ilegal, violenta, autoritária, coercitiva, não importando a forma, mas sim o seu sucesso.

Ação política é o esforço de intervenção abrangente ao nível da campanha, através do qual se deflagra um número de operações e manobras táticas projetadas para apoiar-se e complementar-se umas das outras, obtendo um efeito cumulativamente significativo, espelhando e constituindo o poder de uma classe. A ação política é realizada por meio de mecanismos repressivos coercitivos e recursos ideológicos-propagandísticos, de pressão política e coação econômica além da mobilização e uso de força.¹⁴

Para atingir os dois estágios citados acima é preciso mais dois tipos de reflexão: a estratégia e a tática.

Estratégia política é a arte/ciência do planejamento e condução da ação política de conjunto para a conquista, consolidação ou preservação e manutenção de posições e relações de poder (em relação a outras classes ou grupos). Esta arte/ciência se aplica às grandes operações da política – a grande política nos dizeres de Gramsci –, isto é, ao cálculo e a coordenação a médio e longo prazo do conjunto de recursos, disposições e medidas cuja aplicação é estimada como necessária para chegar a um resultado final almejado no contexto da oposição de forças adversas...garantir triunfo de uma política passível de questionamento ativo ou passivo, assegurar consenso...e prever adaptações táticas na evolução das relações de força entre vários adversários.¹⁵

Tática é a arte/ciência da detalhada direção do controle do movimento ou manobra através do emprego dissimulado de recursos...para alcançar um fim. ...a tática é a organização dos diversos meios para desenvolver ações de teor defensivo, defensivo-ofensivo (defesa dinâmica) e ofensivo.¹⁶

Separada em dois momentos distintos, a ideologia seria passada primeiro pelas elites das classes dominantes para as demais partes dela mesma

¹⁴ Idem

¹⁵ Idem, p 30.

¹⁶ Idem.

e, posteriormente, depois de assentados os pontos de acordo com os objetivos que planeja obter, a ideologia é repassada para as classes subalternas.¹⁷ Os meios de se conseguir isso são através dos sindicatos, das escolas, das publicações como livros e jornais dentre outros meios de comunicação.¹⁸

Numa espécie de fusão conceitual com Gramsci, o cientista político e historiador uruguaio René Armand Dreifuss criou o termo “elite orgânica” e a definiu:

Ao constituir-se como tal, a elite orgânica se diferencia do conjunto das classes dominantes e mesmo dos interesses representados no bloco de poder do qual faz parte, lidera e viabiliza, operando assim como fator de poder num nível especificamente político. Embora *organicamente vinculada* ao seu universo socioeconômico e cultural, esta diferenciação é imprescindível para uma intervenção política eficaz e eficiente, na medida em que a classe dominante é uma na sua diversidade de unidades de acumulação competitivas – seja no nível da composição de capital, no plano da produção setorial ou no universo dos grupos econômicos -, às quais correspondem essencialmente percepções e atitudes corporativas ou de solidariedade (e não atitudes ‘políticas’), expressas em associações, sindicatos ou federações de classe.

As elites orgânicas agem, na realidade, como mediadoras na formação de blocos de poder ou de frentes móveis de ação, isto é, predis põem a classe dominante para a luta política. É através das elites orgânicas que se dá a unidade real da classe (em si) – na imagem gramsciana, a articulação do momento corporativo-solidário dos interesses materiais com o momento político ideológico-coercitivo – e a sua expressão na ação de classe (para si), visando a dimensão estatal e a sua intervenção no conflito social, com senso de Estado. Diríamos, portanto, que a elite orgânica procura ‘traduzir’ (relacionar, transpor) as exigências da esfera da produção (necessidades econômicas) para o plano da ação política, onde busca a sua realização institucional.

O bloco histórico é um conceito formulado por Antônio Gramsci no qual as elites emergentes se organizam, elaboram e buscam meios de implantar seu modelo social, econômico e político. Esses meios são o resultado de uma relação orgânica da estrutura com a superestrutura do modelo social em questão. O organicismo nesta relação provêm da coerência interna necessária para se criar a homogeneidade na sociedade civil. Sendo este outro conceito abordado por Gramsci, que se define quando os meios privados, religiosos e

¹⁷ Segundo Dreifuss a elite da classe dominante é um núcleo de vanguarda político-intelectual e de um braço operacional organicamente vinculado a uma classe, bloco ou fração.

¹⁸ GRAMSCI, Antônio. **A Concepção Dialética do Mundo**. p.63 apud Schlesener, Anita Helena. **Hegemonia e Cultura**. 3ªed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

educacionais estão agindo com funções políticas.¹⁹ Segundo o marxista italiano, o intelectual orgânico é aquele que se encontra ligado a alguma das classes fundamentais da sociedade, e pode ser considerado um “funcionário” cuja tarefa é a de cimentar o consenso social, ou de liderar o dissenso. Seu objetivo é transformar a sua ideologia em poder. Sendo esse o momento de maior expressão política que se pode alcançar.

No entender de nossa análise, a busca na criação de um “sindicalismo livre” era, neste processo histórico, uma fração do plano de transposição de uma ideologia com objetivo de instalar um regime explicitamente burguês e modernizante conservador no Brasil e essa tentativa se utilizou desses funcionários em instituições como o IADESIL, ICT e os sindicatos. Seu sucesso é aberto à discussão e será debatido nos capítulos a seguir.

¹⁹ GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

Capítulo 1 - BREVE HISTÓRICO SINDICAL BRASILEIRO NOS ANOS 60

No campo político do início da década de 60 os sindicatos estavam divididos em três grandes grupos: os “renovadores”, os “nacionalistas” e os “democratas”.²⁰ Estamos aceitando esta divisão tendo em mente que poderia haver outros grupos que não se alinhavam porém, para assegurar a análise mais concisa irei me ater a esses três casos.

Os “renovadores”, reunidos em um grupo chamado Movimento Renovador Sindical, chegaram a controlar alguns sindicatos, porém suas propostas tiveram pouca repercussão entre os trabalhadores e entrou em declínio rapidamente. Era formado por ex-membros do Partido Comunista Brasileiro, membros da esquerda católica e sindicalistas independentes. Defendiam a tese de que o sindicalismo deveria ser apolítico, pregavam o fim do imposto sindical e acreditavam que a luta dos trabalhadores deveria ser feita por meio de contratos coletivos de trabalho. Sua estrutura heterogênea dificultou a formulação de uma proposta que atendesse aos trabalhadores, e contraditoriamente com o seu próprio projeto sindical de ser apolítico, envolveu-se com a disputa de diversas linhas políticas pela pauta sindical que deveria ser seguida, enfraquecendo e deixando de ter relevância. A disputa política dentro do grupo foi o que levou ao seu declínio devido as grandes divergências encontradas ao formular uma proposta que atendesse aos trabalhadores. Parte dos integrantes foi para o MSD (Movimento Sindical Democrático), grupo cristão de orientação anticomunista.

O segundo grupo, conhecido como “nacionalista”, dividia com os “democratas” a disputa pelo poder nos sindicatos, que se traduzia na quantidade de lideranças em Confederações, que era o mais alto nível sindical existente à época. Os “nacionalistas” estavam ganhando esta disputa, pois tinham a liderança de quatro das cinco confederações sindicais antes do golpe de 1964. Foram de lá retirados à força pelo governo golpista.

²⁰ COSTA, Sérgio Amad. **Estado e Controle Sindical no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986. p.107.

Foram designados como “nacionalistas” e às suas fileiras pertenciam membros do PCB, integrantes da ala de esquerda do PTB e sindicalistas independentes. A presença de comunistas na ala “nacionalista” pode intrigar, pois é conhecido o caráter internacionalista do comunismo, contudo o fortalecimento do capitalismo nacional foi a tática adotada pelo partido a partir de 1958 para o combate ao imperialismo que se aprofundava a passos largos no Brasil.²¹ O fortalecimento da economia nacional e a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida foram entendidos naquele momento como a maneira de se alcançar o poder através das eleições de 1960. Este era o caminho para a “revolução pacífica e democrática” perseguida pelo partido.

A tática adotada pelos comunistas foi diferente da que foi posta em prática pelos anarcosindicalistas na década de 30.²² Estes dominaram o campo dos sindicatos nas primeiras décadas do século XX, até terem sido engolidos pelo modelo de sindicalismo corporativo evocado pelo governo do Presidente Getúlio Vargas através das leis sindicais de 1931²³, 1934²⁴ e 1939²⁵. Essas leis determinavam que apenas sindicatos oficiais, reconhecidos pelo Ministério do Trabalho poderiam pleitear frente à justiça os direitos dos trabalhadores. Colocados contra a parede, entre serem absorvidos pelos aparelhos do Estado ou continuarem a sua luta libertária de forma independente, escolheram o proselitismo de sua ideologia. Perderam a identificação dos trabalhadores e o espaço da luta anticapitalista para os comunistas que entraram no jogo da política oficial corporativa. Vale notar que a União dos Operários Metalúrgicos se dividiu em dois sindicatos, um oficial, sob a lei de 1931, e outro autônomo seguindo as teses anarquistas.²⁶

²¹ Declaração Sobre a Política do PCB, **Voz Operária**, 22-03-1958 Disponível em

<http://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm> Acessado em 08/07/2013

²² MAGNANI, Silvia Lang. **O Movimento Anarquista de São Paulo (1906 – 1917)** São Paulo: Brasiliense, 1982, p 94-107; in MANFREDI, 1996, p 24

²³ **DECRETO nº 19.770**, de 19 DE MARÇO de 1931.

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19770-19-marco-1931-526722-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 24/07/2018

²⁴ **DECRETO Nº 24.694** DE 12 DE JULHO DE 1934.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24694.htm Acessado em 24/07/2018

²⁵ **DECRETO-LEI Nº 1.402**, DE 5 DE JULHO DE 1939.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/de1402.htm Acessado em 24/07/2018

²⁶ COSTA, Sergio Amad. **Estado e Controle Sindical no Brasil. São Paulo**: T. A Queiroz, 1986 p. 17.

Sindicatos anarquistas foram muito combativos no início do século XX liderando manifestações, doutrinando, e se organizando não somente em função da reivindicação imediata, mas pensando em longo prazo na transformação da sociedade. Seguiam as ideias de Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Pierre-Joseph Proudhon e pregavam que o sindicalismo deveria ser livre de influências do estado, e as organizações deveriam ser espontâneas. No jornal a plebe expuseram quais eram suas ideias:

Os anarquistas querem uma sociedade sem governos, sem leis, constituída por federações de trabalhadores que produzam segundo suas capacidades e consumam segundo suas necessidades; uma sociedade onde toda a Terra e suas riquezas sejam de todos os trabalhadores; uma sociedade sem opressão da massa trabalhadora por uma minoria de ricos egoístas; uma sociedade sem dinheiro, instrumento de agiotas; uma sociedade sem policiais, sem prisões, sem miséria sem ditaduras; uma sociedade onde o indivíduo desenvolva livremente sua personalidade no trabalho, na ciência, nas artes.²⁷

A lei sindical de 1931, criou a obrigação de filiação ao sindicato do trabalhador em organização de sua atividade laboral. Os anarquistas foram contrários lei de sindicalização, porém saíram derrotados desta luta.

O foco de nosso estudo é a ala da direita, designada como a “democrata”, a terceira desta lista de grandes movimentos da década de 1960. Nesta ala estão concentrados os setores mais conservadores do movimento operário, como o Movimento Sindical Democrático (MSD), que foi parte integrante do ICT após sua fundação. Este grupo era formado por notórios anticomunistas e seu presidente era Antônio Magaldi,²⁸ presidente da única Confederação que não estava em “poder” dos “nacionalistas”, a Confederação do Comércio.²⁹ O MSD recebia apoio financeiro do *Point IV – Program*.³⁰ O *Point IV* foi o pioneiro na realização de cursos de sindicalismo “democrático”

²⁷ BASTOS, Abgvar. Prestes e a Revolução Social. Fatos políticos, condições sociais e causas econômicas de uma fase revolucionária no Brasil. Rio de Janeiro, Calvino, 1946. p.366. Citado na pág. 83; grifos do original apud RODRIGUES, José Albertino. Sindicato e Desenvolvimento no Brasil. Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1968 p.10.

²⁸ Antônio Magaldi foi membro do conselho consultivo do ICT.

²⁹ NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. **Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves(Org.). **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3.

³⁰ DREIFUSS, 1986 p. 317. Programa de ajuda norte-americano para países subdesenvolvidos.

no Brasil, tendo inclusive levado os primeiros líderes sindicais para os EUA para a realização de cursos doutrinários.³¹

O complexo IPES/IBAD³² maior centro de propaganda e ação política civil da década de 60, também financiou este empreendimento que por sua vez recebia apoio financeiro de empresas estrangeiras e até mesmo da CIA.³³ A Declaração de Princípios do MSD em 1961, ano de sua fundação, é muito interessante, pois aponta diversos aspectos da vida liberal das classes médias como direito de propriedade e colaboração com patrões nas bases do movimento sindical. Não existe em nenhuma parte menção ao trabalho, ou valorização do trabalhador, apenas reforça os valores sociais liberais como direito de propriedade, livre empresa, anticomunismo como o valor mais importante da democracia. Afirma que o comunismo é a maior ameaça à democracia, e acrescenta que “a democracia que não se defende é uma democracia suicida”. Uma das partes mais interessantes está na declaração de que para o trabalhador é necessário apenas “salário justo, que baste para atender, nas condições normais de tempo e lugar, as necessidades básicas e de sua família, de forma que lhe sobrem algumas economias para o futuro”. É esse o tipo de sindicalismo “democrático” que determina que o trabalhador só deva viver sob a escravidão do salário e guardar migalhas para imprevistos, enquanto o capitalismo cresce e se fortalece.³⁴

Os Círculos Operários, uma entidade católica de orientação assistencialista, evangelista e anticomunista estava ligada a esse grupo. Propagava sua postura ideológica a margem dos sindicatos oficiais, a não existência de classe. Sua origem data de 1932, durante o Governo provisório de Vargas.³⁵ Vinculado a Igreja Católica os Círculos tinham a visão de harmonização do capital e trabalho e seu dogma dita que:

³¹ DREIFUSS, 1986 p. 317

³² Complexo IPES/IBAD (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais e Instituto Brasileiro de Ação Democrática) é uma categoria analítica criada por Dreifuss para designar a simbiose com que se articularam essas duas instituições na conspiração do Golpe e na ação política. IBAD foi fundado em 1959 e fazia lobby junto ao poder legislativo e executivo financiando candidatos e projetos contra João Goulart e o comunismo enquanto o IPES foi fundado em 1961 por grupos de empresários organizados no Rio e em São Paulo, atuavam com disseminação de propaganda, programas educativos, de livre iniciativa, anticomunismo. Foi presidido por Golbery do Couto e Silva.

³³ DREIFUSS, 1986. p. 205 - 206.

³⁴ COSTA, 1986 p. 109.

³⁵ MANFREDI, 1996. p.93.

todos os homens iguais perante Deus, sendo por vontade desse, esses mesmo homens, operários ou patrões. Nessa tradição o ato de trabalhar, tem duplo sentido, por ser ao mesmo tempo, aquele que redime e o que pune por causa do pecado original.³⁶

Segundo Paulo de Almeida citado em artigo baseado na introdução da tese de doutorado de Jessie Jane, *Os círculos operários e a intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil: um discussão historiográfica*: “a atuação dos Círculos desarmava a capacidade de luta dos trabalhadores, tornando-a inútil”.

Com o fim do padroado ocorrido como consequência da Proclamação da República, a Igreja perdeu entre tantas vantagens o monopólio da religião e instalou no Brasil o catolicismo social. Uma cultura trabalhista baseada na encíclica *Rerum Novarum* (1891)³⁷ de crítica ao socialismo e exaltação a propriedade privada. A Igreja antecipando a perda de sua influência sobre a sociedade, passou a instalar ordens religiosas estrangeiras a fim de educar e formar elites católicas. Entendem a questão trabalhista sob o ponto de vista de ordem social, desta forma contribuindo para consolidar a dominação burguesa na sociedade brasileira.

Em 1962 no VII Congresso Nacional dos Círculos Operários a propriedade privada foi definida como o bem mais importante do proletário.

A propriedade é baseada no direito natural no homem e é necessária ao seu desenvolvimento integral. A propriedade tem uma função social, assim como os bens que ela produz. A facilidade de acesso de todos os homens à propriedade é um imperativo da democracia. Não todos proletários, mas todos proprietários. O desenvolvimento da personalidade, a ampliação da capacidade individual e a segurança das liberdades fundamentais requerem a defesa da propriedade privada, inclusive aquela dos meios de produção.³⁸

De maneira geral esse era o panorama político das vertentes destacadas do sindicalismo brasileiro na década de 60 no Brasil, repleto de correntes divergentes e todas importantes para toda a sociedade.

³⁶ SOUZA, J. J. V. Os círculos operários e a intervenção da Igreja Católica no mundo do trabalho no Brasil: um discussão historiográfica. Revista de História, 1998. p.167.

³⁷ Versão em português da Encíclica: http://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html Acessado em 05/12/2018

³⁸ Declaração final do **7º Congresso Nacional de Operários**, sob os auspícios da CNCO. **O Estado de S. Paulo**, 22 de julho de 1962, citado por DREIFUSS, 1986 p. 313.

Estas não foram as primeiras iniciativas de cursos de formação direcionados para a doutrinação de lideranças sindicais. Já havia uma tradição de orientação política direcionada em sindicatos e seu início remonta à luta dos sindicatos anarquistas do início do século XX no Brasil. A grande diferença são os interesses que são aplicados nesses cursos, sendo eles voltados para o projeto de tomada de consciência do sujeito coletivo dos trabalhadores. Diferentemente das demais organizações sindicais no século XX no Brasil, os anarquistas ou libertários se organizavam de maneira própria. Longe das leis sindicais que regiam o funcionamento dos sindicatos, buscavam a superação do Estado, a substituição do capitalismo e por uma sociedade organizada democraticamente pelos trabalhadores por meio da solidariedade, autogestão e democracia direta.

CAPÍTULO 2 - ORGANIZAÇÕES SINDICAIS CONSERVADORAS

A AFL (American Federation of Labor) foi criada no século XIX no estado de Ohio nos Estados Unidos, no ano de 1886.³⁹ Foi a maior central sindical americana até a metade do século seguinte, quando se uniu à CIO e formou outra entidade. Começou suas atividades buscando melhorias de condições de trabalho, como a redução da jornada para 8 horas diárias. Essencialmente, buscava apenas melhorias exclusivamente econômicas, não planejava nenhuma transformação da sociedade. Foi uma das grandes incentivadoras do “sindicalismo de negócios”, não esteve publicamente afiliada a algum partido político e se declarava publicamente apartidária.⁴⁰ A aproximação da AFL com o governo se deu posteriormente, possivelmente através de Nelson Rockefeller, diretor de assuntos interamericanos do Departamento de Estado dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A associação com o governo não se tratou de um ajustamento de conduta, mas sim de passar a agir sob as asas da CIA, e sobre isso trataremos mais adiante.⁴¹

Essa instituição possuía um anticomunismo mais exacerbado que o governo americano. Boicotou uma conferência da OIT - Organização Internacional do Trabalho, quando um representante polonês foi eleito para sua direção, fez lobby para que fosse negado o visto de entrada para representantes soviéticos para um evento marcado nos Estados Unidos e se colocou contra a posição do presidente americano Franklin Roosevelt quando em 1933 abriu relações diplomáticas com a União Soviética.⁴² Seu principal direcionamento era apoiar trabalhadores americanos e qualificados em detrimento de estrangeiros, trabalhadores sem formação e comunistas. Essa postura sectária em relação aos profissionais sem formação atingiu principalmente a população negra, que constituía somente 3% dos sindicalizados em sua frente.

³⁹ MORRIS, Richard B. **Encyclopedia of American History**, Harper & Brothers, New York, 1961 p.552

⁴⁰ Termo utilizado para designar sindicatos que agiam de acordo com as orientações do empresariado.

⁴¹ MORRIS, George. **A Cia e o Movimento Operário Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 25.

⁴² MORRIS, 1967 p. 3.

Internamente, os Estados Unidos passaram por vários momentos de ebulição social, grandes greves foram deflagradas no início do século XX, como a greve dos têxteis de 1926 em Nova Jersey, de 1928 em Massachusetts, greve de quinze meses dos mineiros de carvão de 1927 e 1928 greve dos trabalhadores em peles e roupas de 1926. A AFL nunca apoiou a luta desses trabalhadores e, como frequentemente fazia, denunciou que era um movimento liderado por comunistas.⁴³

Durante a crise geral capitalista de 1929, os sindicatos estavam muito enfraquecidos e foram apenas uma sombra do que um dia almejavam ser. Não puderam fazer muito para proteger o emprego e os trabalhadores naquele momento difícil. A ALF estava tão arraigada na lógica liberal capitalista dos patrões que foi contra o projeto do seguro desemprego até o momento em que ele foi implantado pelo New Deal.

Seu fundador, Samuel Gompers e posteriormente o seu presidente William Green, foram permissivos, senão coniventes com a entrada de mafiosos nos sindicatos na década de 1920. Tais figuras utilizaram violência e ameaças para afastar quem mantivesse a postura de não se alinhar com os sindicatos liderados pela AFL. Cito uma passagem em que o chefe mafioso Al Capone, em entrevista ao repórter Cornelius Vanderbilt publicada da revista *Liberty* ilustra bem quais caminhos o anticomunismo trilhou para destruir a participação de comunistas na vida sindical.

O bolchevismo está batendo em nossa porta. Não podemos permitir que ele entre. Temos que nos organizar contra ele, unir os ombros e aguentar firme. Devemos manter a América inteira, salva e imaculada. Devemos manter o trabalhador afastado da literatura vermelha e do logro comunista; devemos cuidar que sua mente permaneça sadia⁴⁴

Com o tempo foram colocando em prática seus objetivos de acabar com os sindicatos socialistas e estabelecer em seus sindicatos afiliados o seu modelo de negociações. Durante muitas décadas, qualquer pessoa, que tentasse levantar a voz para buscar melhorias que não estivessem na pauta da direção da AFL, era taxada de comunista.

⁴³ MORRIS, 1967. p.33

⁴⁴ DUTT, R Palme. **Fascism and Social Revolution** New York, 1934 p. 184. apud MORRIS, 1967 p.35.

A CIO (Congress of Industrial Organizations) surgiu em 1935 como uma dissidência da AFL. Esteve voltada para organização das massas de trabalhadores não especializados e abarcava pessoas discriminadas na AFL, como os estrangeiros, mulheres e negros. Sua postura política era mais aberta que a da AFL. Tendo tido inclusive relação com trabalhadores da URSS e tendo declarado elogios públicos ao seu trabalho feito nos sindicatos, atitude antes impossível de se imaginar na AFL. Essas atitudes lhe renderam muita perseguição: foi acusada de comunista, alguns sindicalistas foram perseguidos e até mesmo assassinados.⁴⁵

Com o passar do tempo, a CIO acabou se tornando mais fraca devido à forte perseguição que se intensificou por meio de uma emenda chamada Taft-Hartley, promulgada em 1947, mesmo ano da fundação da CIA.⁴⁶ Essa lei, além de criar uma série de impedimentos para a deflagração de greves, como aviso-prévio de 60 a 80 dias e que poderia ser dissolvida por decisão do governo a qualquer momento, exigia que os presidentes de sindicatos assinassem um termo onde se declaravam anticomunistas. Mesmo que não fossem comunistas, a postura histórica da CIO não era de discriminar pessoas de diferentes origens e correntes ideológicas.

O processo de enfraquecimento CIO começou em 1947 e foi conduzido até 1955 quando deixou de existir de maneira independente para se juntar à AFL. Em 1949, sindicatos com cerca de um milhão de associados foram expulsos da CIO por sustentarem a posição de serem contra a Guerra Fria.⁴⁷ A CIA passou a operar sua função de destruir os obstáculos ao capitalismo americano e dentro de alguns anos a CIO se desfez e se juntou novamente à AFL, formando a AFL-CIO em 1955.

A AFL-CIO se articulou como um braço da CIA no mundo para a divulgação do “sindicalismo livre”. George Meany e Jay Lovestone comandaram a organização para que continuasse avançando no seu objetivo internacionalmente. George Meany era um representante do sindicato conservador da construção civil americana e ex-presidente estadual da AFL de

⁴⁵ MORRIS, 1967 p. 47.

⁴⁶ REESE, Holly A. **Taft-Hartley Act (1947)**. Major Acts of Congress. 2004. Retrieved September 22, 2015 from Encyclopedia.com: <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3407400279.html>. Acessado em 22/09/2015

⁴⁷ MORRIS, 1967 p. 49.

Nova Iorque e Jay Lovestone era um ex-membro do Partido Comunista que se tornou um fervoroso anticomunista e detinha influencia no departamento de estado americano. Atuaram respectivamente como presidente e diretor de assuntos internacionais da entidade.

Segundo George Morris, a atuação internacional, apesar de todo o dinheiro e infraestrutura montada, não foi fácil para a AFL-CIO.⁴⁸ Seu objetivo era montar bases de sindicatos anticomunistas por todo o mundo, mas viu algumas de suas tentativas fracassarem.

O Japão foi um exemplo, onde o adido trabalhista Richard Deverall atuava desde o fim da Segunda Guerra. A principal federação japonesa era de esquerda (Nihon Rōdōkumiai Sōhyōgikai, abreviada como Sōhyō) e possuía forte ligação com a FSM - Federação Sindical Mundial⁴⁹, mesmo após o general MacArthur ter expulsado dezenas de milhares de sindicalistas comunistas dos sindicatos.

Na Europa, que viveu os terrores do nazismo, o sentimento anticomunista não era tão forte quanto nos Estados Unidos: essa é a conclusão do autor para a baixa adesão ao conteúdo programático americano na Europa e no Japão.

Segundo Morris, os americanos exibiam um anticomunismo histérico, e os sindicatos europeus viam os enviados da AFL-CIO na Europa como uma afronta à sua independência. Segue a fala de George Meany sobre a Europa:

Os governos e sindicatos e todo mundo mais parecem querer deixar que nós nos preocupemos, sem que nada façam a respeito... Não há cooperação na Europa sobre a questão dos sindicatos comunistas... Tem-se a impressão de que somente os americanos estão preocupados com relação ao comunismo.⁵⁰

⁴⁸ George Morris (1903-1997) was a long-time labor journalist, principally for the Communist Party USA's newspapers, the *Daily Worker* (national newspaper) and the *Western Worker*, their successor titles, and was also at one time head of the Party's National Labor Commission. Born to Jewish parents in the Ukraine, he came to the United States at age sixteen and was one of the founding members of the Communist Party USA. <http://snaccooperative.org/ark:/99166/w6ff3v35> (acessado em 18/04/2018)

⁴⁹ A Federação Sindical Mundial (FSM) é uma federação internacional de sindicatos que foi fundada em 1945 na França. É a segunda organização sindical mais antiga do mundo e fundadora da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Segue a linha do movimento sindical de classe e luta contra o capitalismo e o imperialismo segue a tendência marxista-leninista.

⁵⁰ MORRIS, 1967 p. 54.

Essa frase carrega algo de muito simbólico, a aparente iminência de conflito era alimentada a todo tempo pelos americanos, enquanto os europeus não pareciam estar interessados neste assunto. O mesmo comportamento pode ser identificado na recusa da AFL a estabelecer qualquer relacionamento com soviéticos ou socialistas europeus. O entendimento é de que esse permanente estado de atenção era interessante. Não objetivavam a paz, a falta de conflito era vista como uma vantagem para os comunistas. Poucos anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, James B. Carey, então secretário-tesoureiro da CIO em seu período de enfraquecimento, falou em uma convenção anticomunista na Inglaterra: “no ano passado, unimo-nos aos comunistas para lutar contra os fascistas; em outra guerra, unir-nos-emos aos fascistas para lutar contra os comunistas”.⁵¹

Sobre o envolvimento da CIA com o movimento sindical internacional, Jay Lovestone, segundo consta nos relatos de Vitor Reuther operava sozinho sem consultar ou relatar ao conselho interno suas atividades.⁵² Segundo o mesmo, a AFL-CIO dispunha nos anos de 1964 e 1965 de dois milhões de dólares em um fundo destinado a assuntos internacionais, porém ela gastava cerca de seis milhões anualmente somente na América Latina. A acusação de Reuther indicou que a CIA ou outra agência que opere nas sombras estaria financiando a sua empreitada, pois: “A CIA e suas frentes não precisam do dinheiro da AFL-CIO. Querem as suas credenciais, e homens para que possam ser apresentados como representantes do trabalho”.⁵³

Essa suposição não poderia ser mais verdadeira, como se mostrou a seguir no exemplo da criação do American Institute for Free Labor Development (AIFLD), conhecida no Brasil como Instituto Americano de Desenvolvimento para o Sindicalismo Livre (IADESIL), em 1962.⁵⁴

⁵¹ MORRIS, 1967 p. 106

⁵² Victor Reuther foi diretor de educação do United Auto Workers (UAW) e diretor de assuntos internacionais, além de ser irmão de Walter Reuther, presidente da entidade sindical sediada em Detroit e que com frequência dialogava com os comunistas. Walter liderou a saída da United Auto Workers (UAW) da AFL-CIO em 1968, por não concordar com as políticas e propostas de reforma da entidade.

⁵³ MORRIS, 1967 p. 72

⁵⁴ O IADESIL foi a primeira de três instituições fundadas com o mesmo objetivo. Asian-American Free Labor Institute e African-American Labor Institute. Essas instituições foram integradas no *Solidarity Center* em 1997. Ver BASS, George Nelson III, "Organized Labor and U.S. Foreign Policy: The Solidarity Center in Historical Context" (2012). FIU Electronic Theses and Dissertations. Paper 752 p.97.

Segundo a entrevista concedida ao *Reader's Digest*, foi no Peru em 1958 que o presidente da Communications Workers of America (CWA), Joseph Beirne, teve seu primeiro contato com a miséria dos trabalhadores latino-americanos.⁵⁵ Ele observou que não havia negociação de trabalhadores com os industriais e as condições de trabalho eram legisladas pelos parlamentares. Os sindicatos, em sua opinião, eram compostos por baderneiros que espalhavam o caos na sociedade, ao invés de terem pessoas treinadas para conduzir as negociações trabalhistas, como era feito no seu país.⁵⁶ Para reforçar sua tese de que haveria melhorias nas condições dos trabalhadores e daquela sociedade com treinamento adequado dos sindicalistas americanos, Beirne decidiu convidar 16 dirigentes sindicais para fazer um curso nos Estados Unidos, em Front Royal, na Virgínia. Lá tiveram contato com os sindicalistas norte-americanos e com o “sindicalismo livre”, além de terem sido levados para fazer turismo pelos Estados Unidos. Após o treinamento que receberam, os trabalhadores voltaram para suas bases e foram financiados durante nove meses pelo Post, Telegraph and Telephone Workers International como um incentivo para continuarem aplicando o que foi aprendido naquela experiência. Walter Reuther, líder sindical americano que diversas vezes discordou publicamente das táticas adotadas pelo AFL-CIO, chamou esse incentivo de um “pensamento independente pago”.⁵⁷ Muito interessado pelo resultado dessa experiência, George Meany, fervoroso líder sindical anticomunista, em 1960 convenceu a AFL-CIO a investir em um centro de estudos na Universidade de Chicago para estudar o movimento sindical latino americano.⁵⁸

Para se compreender o objeto desta monografia precisamos destacar que o mundo vivia a era da Guerra Fria, ou Paz Fria como Eric Hobsbawm já chamou no seu *A Era dos Extremos*. Os reflexos dos conflitos se espalharam pelo mundo, e é claro, as questões do trabalho não poderiam deixar de ser

⁵⁵ Joseph Beirne foi membro do Conselho Consultivo do ICT no Brasil.

⁵⁶ **Reader's Digest**, out. 1966, pp. 21-28 Apud CORREA, Larissa Rosa. **Disseram que voltei americanizado Relações sindicais Brasil - Estados Unidos na Ditadura Civil Militar (1964 – 1978)** Tese de Doutorado em História – Programa de Pós-Graduação Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013. p.71

⁵⁷ MORRIS, 1967 p. 88.

⁵⁸ George Meany foi um dos mais longevos líderes sindicais da AFL, um dos incentivadores da perseguição aos comunistas na forma de “caça às bruxas” e “macarthismo” e sobre ele pesam várias acusações de racismo e sexismo no sindicato. Ver MORRIS, 1967. p.107 – 108 e 113 -114.

afetadas. O mundo após o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) possuía uma configuração política bastante diferente do ano de 1939. A União Soviética e os Estados Unidos deixaram o conflito polarizando o mundo, não só militarmente, mas também ideologicamente. Não podemos deixar nos enganar que eram dois blocos hegemônicos, contudo de maneira ampla e geral tivemos uma disputa de capitalismo versus socialismo.

Após o término da guerra, os territórios ocupados pelo Exército Vermelho foram aqueles determinados pelos acordos de 1943/45, e não parecia haver vontade soviética de expandir essas ocupações sobre outros territórios.⁵⁹ Entretanto, a “ameaça vermelha” pairou sobre o ocidente durante muitas décadas. A ideologia anticomunista lançou muitos países em ditaduras, apoiadas publicamente ou nas sombras pelos Estados Unidos, que, entre outros métodos além da intervenção militar, utilizou a propaganda para disseminar ainda mais seu estilo de vida pelo mundo. Milhões de dólares foram gastos pela AFL-CIO ao redor do mundo em apoio a diversos golpes que houve na América Latina, sem muito se preocupar com as condições dos trabalhadores desses locais, desde que houvesse espaço para o anticomunismo em suas fileiras.

Em 1962 foi criado o IADESIL – Instituto Americano de Desenvolvimento do Sindicalismo Livre. A instituição tinha o objetivo de treinar lideranças em sindicalismo livre, além de promover projetos de assistência social para os sindicalizados. A sua inauguração só vinha reforçar a tendência de aprofundamento do caráter exógeno das instituições sindicais, no que tange ao treinamento das lideranças sindicais. De acordo com o levantamento de José Vicente Freitas Marcondes no livro *Radiografia da Liderança Sindical* feito em 1964, de 50 representantes que participaram da sua pesquisa, somente três receberam treinamento de sindicatos nacionais, enquanto quatorze foram treinados por entidades estrangeiras e dez por entidades governamentais.⁶⁰ Manfredi destaca o levantamento feito por Orphelina Rabelo, onde se mostra que apenas 8% das setenta e uma entidades

⁵⁹ HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX 1914 – 1991**, Companhia das Letras, São Paulo, 2004. p. 224.

⁶⁰ MARCONDES, J V Freitas. **Radiografia da Liderança sindical**, Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1964.

sindicais paulistas ofereciam algum tipo de curso para os associados, e os cursos que existiam era pré-vocacionais e de alfabetização.⁶¹ Era um entendimento natural para os sindicatos que os treinamentos ocorressem no Ministério do Trabalho, dada a sua estrutura tão ligada à do governo que não havia necessariamente uma grande diferença de qual era sua origem.

O IADESIL já havia atuado como um projeto tripartite em diversos países latino-americanos, apoiando diversos golpes civis-militares.⁶² O conceito de tripartite significa para Morris que os investimentos eram divididos entre três interessados, sendo o governo, sindicatos e as corporações americanas os financiadores destes projetos. Seus objetivos eram propiciar campo para o desenvolvimento do “sindicalismo livre” por toda esta região. Alguns cursos de doutrinação de direita já estavam sendo ministrados há algum tempo pelo *Point IV – Program*, que havia sido lançado em 1949 por Harry Truman em ajuda aos países subdesenvolvidos no pós-guerra.⁶³

O Instituto operava por três princípios: dividir a classe trabalhadora na tentativa de construir uma elite sindicalista que tivesse vantagens sobre a massa desempregada e não sindicalizada, fazer oposição aos trabalhadores militantes e, por fim, negar a luta de classes para obter o consenso pela hegemonia.⁶⁴

O capital multinacional e associado por meio do bloco histórico, de capitalismo tardio e do avanço industrial do pós-guerra no Brasil criou diversas entidades de cunho doutrinário para propagar sua ideologia de controle social e ação direta nas entranhas do poder. Destacamos o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e seu coirmão, o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) que formaram simbioticamente o que Dreifuss destacou como o complexo IPES/IBAD. Essas foram duas entidades muito ativas na década de 60, que para além da infiltração em mais de cento e vinte sindicatos por todo o país, conspirou para o golpe civil-militar de 1964.⁶⁵ Com seu apoio, várias frentes foram criadas com mídia e propaganda anticomunista, grupos de

⁶¹ MANFREDI, 1986, p. 47.

⁶² MORRIS, 1967, p. 84 - 85

⁶³ **Point Four Program** <http://www.britannica.com/event/Point-Four-Program> Acessado em 20/09/2015.

⁶⁴ DREIFUSS, 1986 p. 317.

⁶⁵ COSTA, Sergio Amad. **O CGT e as lutas sindicais brasileiras (1960 - 1964)**, Ed do Grêmio Politécnico, São Paulo, 1981 p. 140. In MANFREDI, Silvia Maria. *Educação Sindical Entre o Conformismo e a Crítica*, 1986.

pressão dentro do congresso nacional foram implantados e grupos de empresários organizados que lutavam pelo progresso capitalista foram formados. Seu objetivo era de que a hegemonia de suas ideias ultrapassasse o plano da superestrutura (as ideologias) para as estruturas (a política), esses grupos se organizaram de forma muito articulada para alcançar seus objetivos, “viam-se como o ‘governo privado’, que deveria apoiar o ‘governo público’”.

Oficialmente os recursos destinados ao Instituto e à manutenção dos cursos provinha do empresariado americano, da AFL-CIO – maior central operária americana – e do programa de combate ao comunismo lançado por John Kennedy, a Aliança para o Progresso.⁶⁶ Com esta afirmação temos um fato muito relevante sobre a iniciativa deste instituto. Apesar de haver participação dos setores nacionais “democráticos” na fundação desta instituição, o financiamento inicial foi 100% estrangeiro e manutenção, até onde foi possível observar, não passou pelas mãos dos brasileiros. A divisão do investimento, conforme uma matéria da *Business Week* de 27 de agosto de 1966, era: o IADESIL recebeu 90% da verba do Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (do Inglês United States Agency for International Development), também conhecida pela sigla USAID, 6% do AFL-CIO e 4% das corporações americanas.⁶⁷

O alerta para a criação de uma organização que atuasse entre os trabalhadores foi externado por J. F Kennedy após o fiasco da invasão da Baía dos Porcos em Cuba em abril de 1961. Nas palavras do presidente americano: “through which the talents and experience of the US labor movement could be brought to bear on the danger that Castro might undermine the Latin America Labor movements”.⁶⁸

Para se instalar no Brasil recebeu amplo apoio de diversas entidades nacionais e estrangeiras como IPES, IBAD, MSD, USAID, AFL-CIO, bem como dos setores universitários de direita. Segundo uma citação de um

⁶⁶ MANFREDI, Silvia Maria. **Educação sindical entre o conformismo e a crítica**, Coleção Educação Popular, Editora Loyola, 1986. p. 75 - 76.

⁶⁷ MORRIS, 1967 p. 85.

⁶⁸ RADOSH, Ronald. **American Labor and United States Foreign Policy** in. BLACK, K Jan, United States Penetration of Brazil, The University of Pennsylvania Press, Inc. 1977.p.112 Tradução Livre: Através do talento e experiência do movimento operário dos Estados Unidos, podemos exercer pressão sobre o perigo que Castro pode trazer ao movimento operário latino americano”

especialista americano encontrada na tese de doutorado de Larissa Rosa Correa, porém sem identificação do autor, a situação política no Brasil era preocupante. Teríamos uma sociedade: “fraca, analfabeta, subnutrida, sem moradia, revoltada e cheia de ideias reformistas em um mundo subdesenvolvido”.⁶⁹

Por fim, inserido neste contexto, foi criado o ICT no Brasil. Com o lema “Pão, Paz e Liberdade”, foi uma instituição fruto da parceria entre Brasil e Estados Unidos que atendia tanto aos interesses do capital estrangeiro como da elite orgânica nacional. Sua fundação veio para atender uma demanda nacional e estrangeira de controle do sindicalismo brasileiro, ansiosa por retirar o “controle dos sindicatos das mãos dos dirigentes comunistas”. Sua estratégia era a formação de líderes sindicais, que principalmente, não poderiam ser comunistas e não deveriam se intrometer nas questões políticas da sociedade. Deveriam se ater aos interesses dos direitos dos trabalhadores como condições de trabalho, jornada e reajustes salariais, sempre na intenção de abrandar e dirimir os conflitos entre patrões e trabalhadores.

O Brasil era visto com grande interesse pelos Estados Unidos, já que o país tinha uma grande importância estratégica na região, tanto por ser o maior da América Latina com uma das maiores populações do mundo, bem como pelos interesses econômicos em seu mercado consumidor e força de trabalho. Os Estados Unidos não poderiam ver repetir-se uma revolução socialista como a de Cuba em 1959. Portanto, decidiram investir mais fortemente na matéria sindical após o fracasso da CIA e dos conspiradores na invasão da Baía dos Porcos em 1961. Naquele mesmo ano foi criada a Aliança para o Progresso, um projeto que oferecia assistência técnica e financeira aos países subdesenvolvidos do continente americano. Buscava desenvolver a indústria através de cooperativas, cursos, projetos de construção de casas populares. Os investimentos mais recorrentes ocorreram no nordeste brasileiro, na época conhecido pelo forte movimento sindical e pelas atividades das ligas camponesas.⁷⁰

Segundo Wilson Juvenato Reis, Rômulo Marinho, do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telegráficas, Radiográficas e Radiofônicas da

⁶⁹ CORREA, 2013. p.5.

⁷⁰ DREIFUSS, 1981. p.300

Guanabara, teria preparado um grupo que bloqueou a comunicação entre os sindicatos apoiadores do presidente João Goulart ao tentarem convocar uma greve geral na ocasião do golpe.⁷¹ Porém, a participação desses agentes não pode, até o momento ser mensurada, podendo até talvez estar sendo superestimada em função dos treinamentos realizados pelo IADESIL.

Havia também o objetivo de modificar a base do sistema sindical brasileiro e torná-lo mais parecido com o modelo norte-americano, “contratualista” e não legislado de leis do trabalho. O objetivo dessa mudança era o de facilitar a entrada de empresas multinacionais no Brasil a fim de diminuir ao máximo possível as disputas dos trabalhadores por direitos e é claro, por consequência, os custos de mão de obra.

A formação do ICT foi uma elaboração de dirigentes sindicais brasileiros e de um fervoroso anticomunista e sindicalista norte americano, o diretor do IADESIL – Instituto Americano de Desenvolvimento do Sindicalismo Livre – Serafino Romualdi.⁷²

O ICT nasceu como um desdobramento do próprio IADESIL, que já vinha há algum tempo trabalhando na América Latina.⁷³ Anteriormente à constituição de uma instituição sob o nome de IADESIL, o AFL-CIO já havia se inserido na América Latina promovendo a da formação de líderes sindicais e influenciando governos.⁷⁴

⁷¹ Marinho frequentou o curso nos Estados Unidos e organizou e ministrou no Brasil cursos de conteúdo anticomunista para telegrafistas. Durante o regime ditatorial, atuou como assessor sindical do ministro do Trabalho Jarbas Passarinho entre 1967 e 1968 e, de 1969 até 1971, foi diretor-geral do Departamento Nacional do Trabalho, além de outros cargos.

⁷² MANFREDI, 1986. p. 75.

⁷³ O ICT foi a terceira instituição implementada pelo IADESIL na América Latina, antes disso foi criada uma no Peru e outra no Chile respectivamente.

⁷⁴ Maior Federação de sindicatos dos Estados Unidos, recebia dinheiro da CIA para financiar suas atividades pelo globo.



Imagem 1: Na foto vemos a formatura da terceira turma do ICT que contou com a presença do embaixador norte-americano Lincoln Gordon, o quarto da direita para a esquerda na fileira de baixo.

De acordo com seu estatuto, o Instituto Cultural do Trabalho era uma sociedade civil com estatutos próprios, devidamente registrados no 4º Registro de títulos e Documentos da Cidade de São Paulo, em data de 1º de junho de 1963, sob o nº 11.351. Como tal, havia uma diretoria eleita, um conselho consultivo e uma administração. Foi reconhecido de utilidade pública pelo Governo do Estado de São Paulo.⁷⁵ Seu fundador e primeiro superintendente foi José Vicente de Freitas Marcondes, formado em Direito em São Paulo, fez um curso sociologia na Vanderbilt University e no George Peabody College, em Nashville no estado do Tennessee, tendo fundado, na primeira universidade, o Clube Brasileiro, órgão do “Institute for Brazilian Studies”.⁷⁶ Foi procurador do estado de São Paulo⁷⁷ e faleceu em 1991.⁷⁸

O Instituto Cultural do Trabalho nasceu para divulgar uma determinada orientação sindical específica. O ICT foi mantido com recursos externos e orientado pelo IADESIL, que, por sua vez, além de ser uma extensão da AFL-

⁷⁵ MARCONDES, **Um Novo Front Educacional: o sindical**, in *Revista de Problemas Brasileiros*, Fed. Do Comércio, ano V, n 56, Nov., São Paulo 1967, p. 16.

⁷⁶ **Jornal o Lince** – Edição 54 apud MELO, Luís Correia de **Dicionário de Autores Paulista**, São Paulo, 1954.

⁷⁷ MARCONDES, **Revolução Paulista**. Boletim dos 21 Irmãos-Amigos, 1982 p. 6.

⁷⁸ Obituário de J, V Freitas Marcondes na **Folha de São Paulo** de 7 de março de 2001 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2703200114.htm> Acessado em 18/07/2017

CIO, e operava suas ações com dinheiro da USAID e controlado pela Agência Central de Inteligência como afirma Dreifuss.⁷⁹

Dentre as orientações do ICT, destaco a fala de Marcondes sobre os objetivos do Instituto: “contribuir para a formação cultural e técnica e para o aperfeiçoamento e treinamento de trabalhadores em geral, inclusive para o exercício de liderança visando a harmonia entre o capital e o trabalho e o desenvolvimento da economia nacional”⁸⁰

O curso do ICT tinha objetivos que eram o de formar um movimento sindicalista de acordo com seus interesses ideológicos, pautados pela “independência, negociação, harmonia social e aperfeiçoamento da ordem capitalista”.⁸¹ Postura apaziguadora da ordem social que as relações de trabalho levantam.

Por solicitação dos dirigentes brasileiros não foi o IADESIL que tomou as rédeas do processo no Brasil. Em uma reunião no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, no ano de 1963, foi decidido que se criaria uma instituição brasileira para cuidar das atividades sob a fiscalização do IADESIL. Então o ICT foi fundado em São Paulo e, segundo depoimento de Marcondes a Silvia Maria Manfredi. O Governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, soube da proposta da criação do curso em São Paulo, e disse “*O que vocês quiserem eu dou. Prédio, pessoal, dinheiro*”.⁸²

Existem dois relatos que foram colhidos através de entrevistas dadas a Manfredi, com a justificativa para a criação do IADESIL e, em consequência, o ICT. O primeiro foi concedido em 1981 por José Vicente de Freitas Marcondes, o primeiro superintendente do ICT:

Quando o Kennedy foi eleito, o Serafino já se dava com o Kennedy e com o Rockefeller. O homem que dominava o ambiente patronal era o Rockefeller e o Serafino se dava muito bem com ele. Rockefeller não fazia nada sem consultar o Serafino. Serafino soube que fora fundada a Universidade de Lumumba (na Rússia), que estava muito interessada na América Latina e que pretendia preparar dirigentes sindicais. (...) Foi Serafino que, conversando com Rockefeller e Kennedy, propôs ao governo americano para co-

⁷⁹ DREIFUSS, 1986. p.316.

⁸⁰ MARCONDES, J, V Freitas. **Educação dos trabalhadores e líderes sindicais democráticos**, p 9 in **Revista de problemas brasileiros**, (Fed. do comercio) Ano II, n.14, São Paulo, maio, 1964. In MANFREDI, 1986, p. 190.

⁸¹ MARCONDES, J. V. Freitas. **Primeiras atividades** Instituto Cultural do trabalho, 1964. p. 192 -193.

⁸² MANFREDI, 1986. p. 77.

patrocinar a organização de institutos na América Latina. O Kennedy achou que seria interessante a Aliança para o Progresso entrar com um terço dos fundos, o patronato norte-americano com o outro um terço e a AFL-CIO com a outra terça parte.⁸⁴

O segundo depoimento foi conseguido em 1982, também por meio de uma entrevista com Marcondes:

Quando da criação do programa Aliança para o progresso, os trabalhadores americanos (através de sua entidade oficial, ALF-CIO) acharam que o setor trabalhista da América Latina também deveria ser beneficiado com parte dos fundos daquele programa, já que provinham também dos impostos que pagavam. E aí criaram o IADESIL.

O ICT foi fundado em 1963 e seu grande protagonista podemos dizer que foi José Vicente de Freitas Marcondes, que era professor de legislação trabalhista e participava do Instituto do Direito Social. Foi escolhido por Serafino Romualdi para ser o superintendente de educação do ICT.⁸⁵ Antes disso ele trabalhava com a formação sindical nas estruturas governamentais do Ministério do Trabalho desde pelo menos 1946 e era uma figura alinhada com o anticomunismo, característica muito bem vista pelo IADESIL. Nas estruturas do Ministério do Trabalho o Instituto do Direito Social aplicava os cursos de fiscalização do trabalho, relações humanas no trabalho, justiça do trabalho, seguro social, contrato de trabalho, noções de economia e cooperativismo, introdução do direito social, organização sindical, redação, estilo e oratória. O curso completo tinha duração de um ano.⁸⁶

A diretoria do Instituto na sua fundação não contava com dirigentes sindicais brasileiros, medida tomada para que não houvesse disputas de poder entre os dirigentes.⁸⁷ Os brasileiros participavam somente do conselho consultivo, e essa designação não agradou aos dirigentes sindicalistas. Após alguns anos essa barreira foi sendo quebrada até que apenas um dirigente do IADESIL continuou participando da direção.

⁸⁴ MANFREDI, 1986, p. 76. Depoimento de Freitas Marcondes concedido à Silvia Manfredi, novembro de 1981.

⁸⁵ Enquanto representava o IADESIL, ocupava o cargo de agente da Divisão das Organizações Internacionais da CIA.

⁸⁶ In **Arquivos do Instituto do Direito Social**, vol13/1, março, São Paulo, 1958, p.5: “Do Regulamento dos Cursos Técnicos de Direito Social. Apud MANFREDI, 1996

⁸⁷ Relatório da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil ao Departamento do Estado, escrito por Herbert W. Baker, 28 de agosto de 1964. NARA II, General Records of the Department of State (GRDS), RG 59, Central Foreign Policy Files (CFPF), LAB 3-3 – box 1282 apud CORREA, 2013 p.63.

A composição da diretoria do ICT no ano de 1964, de acordo com as monografias publicadas, era essa: Diretor Presidente: Dr. José Barbosa de Almeida; Diretor primeiro Vice-Presidente: Dr. Ruy Azevedo Sodré; Diretor segundo Vice-Presidente: John Francis Snyder; Diretor Primeiro Secretário: Joaquin F. Otero; Diretor Segundo Secretário: Dr^a. Augusta Barbosa de Carvalho Ribeiro. O Conselho Consultivo do ICT era composto por: Dr. A. F. no Junior, Dr. Ruy de Azevedo Sodré, Dr. Barbosa de Almeida, Dr. Camilo Ashcar, Dr^a Augusta Barbosa Ribeiro, George Meany, Serafino Romualdi, Joseph A. Beirne, Padre Pedro Velloso S. J, Helcio Maghenzani, José Rotta, Domingos Alvares, Antônio Pereira Magaldi, John Francis Snyder, Mario Lopes de Oliveira, Dr. Humberto Monteiro, Dr. Élcio Silva, Dr. Oswaldo Silva, Joaquim F. Otero, William Medeiros, Olavo Previatti.⁸⁸ A maior parte dos professores era proveniente do Instituto do Direito Social e da Escola de Sociologia Ciência Política da Universidade de São Paulo. A administração do Instituto ficava a cargo de José Marcondes e Gilbert Richmond, representante do IADESIL no Brasil.

No ano de 1967 divergências relacionadas aos cursos regionais de sindicalismo e sobre a administração do ICT criaram tensões entre dirigentes sindicais brasileiros e os membros sobre como o Instituto estava sendo dirigido. Esse afastamento foi aprofundado após a CPI das entidades estrangeiras no Brasil que investigou a ação de grupos transnacionais no sindicalismo nacional.⁸⁹ O comando da instituição acabou sendo transferido para a mão dos sindicalistas brasileiros que passaram a comandar as atividades, os cursos de educação sindical e a administração.

A Comissão Parlamentar de Inquérito proposta pelo deputado Jamil Amiden do MDB da Guanabara O objetivo inicial era investigar denúncias sobre a atuação da Federação Internacional dos Trabalhadores de Petróleo e dos Químicos (IFPCW) e outras organizações internacionais financiadas pelos Estados Unidos. Havia suspeitas de que elas estavam interferindo nos assuntos sindicais brasileiros, com o aval da AFL-CIO e da CIA. Foram realizadas

⁸⁸ George Meany, Serafino Romualdi eram agentes da Divisão de Organizações Internacionais da CIA.

⁸⁹ **ABERTURA DA CPI** <https://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=560068&id=14237772&idBinario=15733120> Acessado em: 02/12/2018

diversas investigações sobre o financiamento, empréstimos e interferência no sindicalismo brasileiro. Como consequência das investigações se iniciou um afastamento dessas entidades no Brasil. Jamil Amiden teve seu mandato de deputado cassado com base no AI-5.

Não podemos identificar se por arrogância ou ingenuidade os sindicalistas estrangeiros acreditavam que poderiam “americanizar” o sindicalismo brasileiro em pouco tempo, ignorando sua cultura e processos históricos nacionais, além de buscar alienar o trabalhador da política nacional. O IADESIL, através do ICT, perseguiu esta ideia até o fim da década de 70, mas já em 1967 passou a diminuir drasticamente o dinheiro investido no Brasil. Passou a ser entendido que haveria muitas dificuldades à frente e mesmo com a “parceria” com o governo não estava havendo evolução neste tema. O golpe de 1964, no entendimento dos americanos, cumpria parte da “missão”, ao intervir nos sindicatos, nomeando novos dirigentes, afastando comunistas, tutelando eleições e validando a legalização dos sindicatos.⁹⁰ A repressão atingiu 40% das federações, 25% dos sindicatos e três das sete confederações. Essas ações desmobilizaram os sindicatos que mais tinham poder de negociação e força política e fecharam as organizações não legalizadas como o CGT.⁹¹

Entretanto, com o caminho “livre” conseguido através da repressão não foram feitos esforços do governo no sentido de implantar o “sindicalismo livre e democrático”. Algumas das primeiras ações do novo presidente, o Marechal Castello Branco, na área do trabalho foram o “arrocho salarial”, intervenção na decisão sobre os dissídios coletivos das categorias de trabalhadores julgados pela Justiça do Trabalho e o controle da vida política dos sindicatos. Tais medidas visavam a contenção da inflação e o controle sobre a mobilização dos trabalhadores. Tais medidas não foram bem vistas pelos americanos, dado que para um sindicalismo livre é preciso que os trabalhadores tenham a liberdade

⁹⁰ Em um periódico do ICT foi anunciado que muitos de seus alunos foram nomeados interventores em importantes sindicatos. Geraldo Eufrásio de Moura no Sindicato de condutores de veículos rodoviários de São Paulo, João Theóphilo de Souza no Sindicato dos metalúrgicos de Mogi das Cruzes e Romulo Marinho na Federação de empresas de telegrafo. Boletim de Notícias ICT-AIFLD, abril de 1964, p.4. AEL-Unicamp, Coleção Twentieth Century LatinAmerican Pamphlets: part III, BRZ 0308, microfilme APC-3, Reel 34. Apud CORREA, 2013. p.76.

⁹¹ ALVES, Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964 – 1984)**, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 71 – 110.

de agir, desde que não houvesse comunistas em suas fileiras. Sem possibilidade de utilizar o seu poder de barganha nas negociações coletivas, nem os “sindicalistas autênticos”⁹² poderiam concordar com a política do arrocho. Acreditavam que os Estados Unidos, ao fazer uma negociação coletiva, estava afastando o fantasma da socialização e promovendo a democratização da propriedade.

Como consequência do arrocho, muitas empresas não compareciam às audiências da Justiça do Trabalho para as negociações de dissídio coletivos, pois alegavam estar impedidas de negociar pela legislação.⁹³ Esses foram sinais de que haveria muita dificuldade de implantar o “sindicalismo livre e democrático” no Brasil. O adido trabalhista⁹⁴ Herbert W. Baker afirmou que *“a Revolução muito provavelmente teve o mais profundo impacto no sindicalismo do que em outros grupos”*⁹⁵. Os laços de dependência dos sindicatos e o Estado também não foram alterados. A principal fonte de renda dos sindicatos, que era o imposto sindical obrigatório, visto como uma anomalia pelos americanos, seguiu em vigor até a reforma trabalhista de 2017. Em 1965 foi instaurado o AI-2, que entre diversas medidas extinguiu os partidos, cassou direitos políticos e alterou a data das eleições de outubro de 1965 para outubro de 1966, estava lançadas as bases para a manutenção do autoritarismo e um longo período de repressão. As dificuldades para a implementação desse novo sindicalismo aumentaram quando Costa e Silva e a “linha dura” assumiu o poder e alterou a lógica de cooperação que havia sido antes estabelecia por Castelo Branco e a Escola Superior de Guerra com os americanos.

Castelo Branco havia implantado uma política monetária de estímulo de entrada de capital estrangeiro e de restrição de crédito para conter a inflação. A intenção era buscar investimentos principalmente dos Estados Unidos nas

⁹² Auto-denominação utilizada para definir os sindicalistas alinhados com as posições do AFL-CIO e IADESIL, Também utilizavam os termos “sindicalistas democráticos” e “sindicalistas livres”. Sequestrando para sua causa, termos abrangentes como democracia, liberdade e autenticidade.

⁹³ “10 anos...”. Texto sobre a situação do povo brasileiro em 10 anos do Regime Militar no Brasil, s.n.t. CEDEM/Unesp, fundo ASMOB, ex17.03.59.4/037 apud CORREA, 2013

⁹⁴ Funcionário diplomático, de carreira ou não, agregado à embaixada ou legação de seu país no estrangeiro, como representante de interesses específicos (adido militar, adido cultural etc.).

⁹⁵ NEGRO, 2003, p. 235.

áreas financeiras e tecnológicas. Entretanto, essas medidas criaram um cenário que beneficiou as empresas estrangeiras em detrimento das nacionais, que passaram por dificuldades, sem capital de giro, investimento e alguma foram a falência. Houve um movimento de desnacionalização de empresas, visto que as multinacionais não estavam com impedimentos de investimento por falta de crédito. A reação do empresariado brasileiro, alinhado aos militares nacionalistas culminou na indicação de Costa e Silva. Um militar que diferente de Castelo Branco não serviu na FEB e não mantinha laços próximos com os americanos da mesma forma que seu antecessor.

Essa foi uma resposta da burguesia nacional a ocasião que estavam incomodados com os privilégios que multinacionais estavam recebendo em detrimento das empresas nacionais. O empresário Paulo Ayres Filho fez uma análise em um documento chamado “Contribuição para um estudo que pretende apontar o lado positivo e negativo da atual administração e o que pode-se esperar da nova”, que foi escrito em 1967.⁹⁶ Nesse documento pontuou erros da política econômica do governo “castelista”. Merece destaque o seguinte ponto onde afirma que “*a desnecessária e comprometedora simulação de democracia num período pós revolucionário*”⁹⁷ foi prejudicial ao setor empresarial, visto que poderia ter implantado a força as mudanças necessárias ao desenvolvimento econômico. No governo Costa e Silva o empresariado nacional foi considerado mais aliado do que estava sendo, e direcionando as ações a seguir o projeto de harmonização do capital e trabalho que foi projetado no IPES.

Os anos de 1962 e 1963 foi um período de análise das estruturas brasileiras pelo IADESIL para a implantação do “sindicalismo livre”. Com o golpe civil-militar a prisão, perseguição dos comunistas o IADESIL soltou em um comunicado de 1964 a justificativa de suas atividades.

⁹⁶ Paulo Ayres Filho recruited Joao Baptista Leopoldo Figueiredo, an important multinational entrepreneur and former president of the Banco do Brasil under Quadros. Leopoldo Figueiredo became the head of IPES, Sao Paulo. With the sudden resignation of Quadros in August 1961, it was decided to activate the group ver DREIFUSS, René Armand (1980) State, class and the organic elite: the formation of an entrepreneurial order in Brazil 1961-1965. PhD thesis. p.247

⁹⁷ Contribuição para um estudo que pretende apontar o lado positivo e negativo da atual administração e o que pode-se esperar da nova, CPDOC, Coleção Paulo Ayres Filho, PAF, p 1966-1967.03.c APUD CORREA, 2013. p.97.

Recentemente o mundo ocidental se tornou angustiado com a situação de perigo no Nordeste do Brasil e viu com preocupação o aumento da influência comunista durante a presidência de João Goulart. Agora podemos respirar aliviados após a Revolução de abril. É a oportunidade do Ocidente tomar medidas concretas que possam mostrar aos camponeses e trabalhadores do Brasil que nossas ações estão voltadas ao desenvolvimento das nações e que o processo democrático preenche essas necessidades. O programa do IADESIL é projetado para ter um papel chave no esforço do desenvolvimento econômico e político. Se isso acontecer, o movimento livre sindical, que irá resultar numa força poderosa, irá impulsionar o Brasil para o caminho da estabilidade e da democracia. Os funcionários do Departamento de Projetos Sociais irão fazer todos os esforços para ver o programa ser realizado de fato.⁹⁸

Porém, dentro do ICT houve conflitos na direção, que estava passando a agir de forma mais independente do IADESIL. Um exemplo a citar, foi o cancelamento turmas de cursos com a justificativa de que os recursos eram muito poucos e a não comunicação a “entidade mãe”. Do outro lado o IADESIL passava a enfrentar problemas quando a embaixada americana passou a manter contato direto com sindicalistas brasileiros sem passar pelo seu conhecimento. Sobre este evento foi escrita uma carta para a embaixada, sem identificação do autor, mas com certeza um representante do AFL-CIO.

Nós estamos preocupados com a situação existente entre o escritório e o IADESIL no Brasil. Cada relatório indica que você deseja estar na frente e coordenar o programa sindical, usando o IADESIL unicamente como um órgão de ligação entre a embaixada e os sindicatos locais. (...) em breve, seremos obrigados a fazer uma nova avaliação do programa no Brasil e decidirmos se devemos continuar. Será uma decisão difícil de tomar, mas se não nos for dada maior autonomia e flexibilidade, mudanças drásticas irão ocorrer⁹⁹

As dificuldades encontradas para a substituição do modelo trabalhista legislado pelo “contratualista”, foram grandes. Entre vitórias e derrotas, sob seu ponto de vista, é possível determinar que a tarefa de mudar uma cultura tão enraizada pelo trabalhismo varguista não foi bem-sucedida. É verdade, que por outro lado, conseguiram com a “ajuda” do golpe afastar a maioria dos comunistas das lideranças sindicais, porém sem os substituir, na proporção que desejavam os velhos pelegos, pelos novos dirigentes formados em

⁹⁸ AIFLD. **Country Plan for Brazil. Social Projects Department.** Washington DC. AIFLD 1964. Apud CORREA, 2013 p.100.

⁹⁹ *Survey of the Alliance for Progress – Labor Policies and programs.* Apud CORREA, Larissa Rosa, 2013. p.127 Documento preparado por uma comissão do Senado Americano em 1968

“sindicalismo livre e democrático”. Foram 31 ex-alunos eleitos para liderança de sindicatos ao redor do Brasil.¹⁰⁰

Em uma entrevista ao New York Times de 23 de novembro de 1966 dois sindicalistas americanos que estavam participando do programa de “sindicato para sindicato”, relataram suas péssimas impressões do que viram no Brasil: presença do governo nos sindicatos, o medo dos sindicalistas da repressão, a política de baixos salários.¹⁰¹ Essa entrevista gerou um crise, pois o AFL-CIO teceu críticas ao governo de Castello Branco (1964-1967) e afirmaram que “ao invés de afastar os comunistas estavam criando comunistas”.

Em 1967 a composição na direção do Instituto foi alterada e o programa educacional, que era visto como muito teórico e pouco prático, foi reestruturado. Essas mudanças podem estar relacionadas à entrada de William Doherty Jr na direção do IADESIL, em substituição a Serafino Romualdi, que faleceu em 1966, e a CPI instaurada para investigar as atividades de missões estrangeiras no Brasil e denúncias de que a CIA estava infiltrada no movimento sindical.¹⁰² Até o ano de 1967, o Instituto ainda recebia apoio de outras entidades internacionais como a Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT) e Confederação Internacional de Organizações Sindicais Livres (CIOLS).¹⁰³

Já no ano de 1968, a administração do ICT estava na mão dos brasileiros, mas ainda recebiam recursos financeiros do exterior e enviavam alunos para fazer os cursos de sindicalismo nos Estados Unidos.

¹⁰⁰ MARCONDES, 1965.

¹⁰¹ A política de arrocho salarial visava o controle da inflação.

¹⁰² Ary campista, um dos mais conhecidos pelegos do sindicalismo brasileiro e fez uma série de denúncias à CPI, inclusive a de que o dinheiro das entidades estrangeiras só era distribuído aos sindicatos que seguissem as orientações do sindicalismo americano. CORREA, 2013. p.156.

¹⁰³ Arturo Jáuregui que mantinha estreitos laços com a CIA foi o diretor da ORIT e participava da Junta de Diretores do IADESIL.

<https://archive.org/details/BrazilAndCIACounterSpyMagazine> Acessado em 05/12/2018

CAPÍTULO 3 O PROGRAMA EDUCACIONAL DO INSTITUTO CULTURAL DO TRABALHO

O modelo educacional aplicado pelas instituições reacionárias era formulado de cima para baixo. A visão de Marcondes, do ICT, está relacionada ao seu entendimento liberal-burguês de que a produção do conhecimento se dá apenas nas universidades, sendo deixada de lado a possibilidade de conhecimento ser criado em outras instâncias, por ele vistas como inferior, como, por exemplo, o sindicato. E entende que o trabalhador é maleável, a ponto de afirmar que: “O sindicalista pode ser educado para este ou aquele sistema político, econômico e social, dependendo da formação educacional que tiver”.¹⁰⁴ Os cursos e seminários treinavam o trabalhador sindicalizado como uma adestração em determinado assunto para que ele, de forma independente, reproduzisse o seu conteúdo. Há um elemento que trata da reprodução de conteúdo, e é importante de ser destacado, pois, em regra, o trabalhador, mesmo treinado, não seria capaz de produzir, sendo esta tarefa de responsabilidade dos intelectuais.

Os seminários no Instituto, inicialmente, duravam duas semanas. Daquele grupo eram escolhidos os melhores em capacidade de liderança para outros ciclos de estudo, até que chegassem a estudar por onze semanas nos Estados Unidos, em Universidades como as de Harvard, Cornwell e Wisconsin. Quando voltavam para o Brasil, recebiam uma ajuda de custo por mais nove meses, como um incentivo para colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso.

Promover um sindicalismo “democrático” significa nas palavras, Marcondes:

Promover a harmonia entre capital e trabalho, o desenvolvimento da economia nacional em moldes democráticos [...] O treinamento seria aplicado no intuito de preparar:

- a) líderes sindicais para enfrentar e combater os extremismos prejudiciais, notadamente o comunismo (...) capacitando-os a nova luta trabalhista;
- b) futuros líderes sindicais, a fim de que estes organizem sindicatos fortes, autênticos e representativos dos profissionais que os elegeram e não somente meia dúzia desinteressados,

¹⁰⁴ MARCONDES, 1967. Apud MANFREDI, 1986

formando verdadeiras camarilhas, bafejadas por alguns órgãos estatais e por pessoas estranhas aos trabalhadores.¹⁰⁵

O ICT visava, acima de tudo, combater o comunismo nos sindicatos. Porém, a maneira pela qual atuavam diariamente se desenrolava no sentido de apaziguar as relações de trabalho. Trabalho e capital eram colocados lado a lado, numa visão de que o sindicato deveria fazer a mediação entre os interesses de cada parte, sem considerar as contradições existentes nesta relação e a desigualdade de forças. Uma das frases de Marcondes era de que a relação de trabalho não poderia ser vista como uma relação do lobo com o cordeiro, respectivamente o patrão e o trabalhador, deveria ser algo mais parecido como patrões e trabalhadores agindo como uma junta de bois puxando um arado na direção da prosperidade.¹⁰⁶ Essa visão utópica de harmonia é a reprodução da ignorância sobre a realidade do trabalhador naquele período, sobretudo por ser o início de nosso processo tardio e lento de industrialização.

O ICT também fazia críticas à estrutura vinculativa do sindicato ao governo. Estrutura essa que foi constituída por Getúlio Vargas a partir de 1931 e permaneceu intacta após o Golpe de 1964. Nos Estados Unidos, os sindicatos não estavam submetidos a leis que determinassem como os sindicatos deveriam se organizar. Sua representatividade era dada pela adesão de trabalhadores.

No guia *Estratégias e táticas comunistas nos sindicatos de trabalhadores* são expostas as táticas de combate ao comunismo. Segundo Marcondes não havia necessidade de esconder seu posicionamento político após a deflagração do golpe.¹⁰⁷

O comunismo constitui uma conspiração internacional destinada a promover os interesses imperialistas da Rússia Soviética e da China Comunista. Opera sob a mais estrita disciplina militar. Enquanto abertamente prega a irmandade e o interesse nos problemas dos trabalhadores e do povo, o faz, em geral, clandestinamente por meio de agentes secretos, utilizando simpatizantes da causa e organizações de frente disfarçada de liberais e progressistas. Opera através do ramo político do movimento desde a sede internacional. (...) O maior dano causado pelos comunistas é o fato deles se infiltrarem nos sindicatos não comunistas. Em vista do exposto, iremos mostrar as táticas e estratégias secretas empregadas pelos comunistas contra os sindicatos de trabalhadores. Os trabalhadores, em particular

¹⁰⁵ MARCONDES, 1964. p. 8 - 9.

¹⁰⁶ **Estatuto do Instituto Cultural do Trabalho**, 1965. p.5.

¹⁰⁷ **ICT. Dois anos de atividades**. Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1965.

aqueles de países menos desenvolvidos que vivem em condições de fome, conseguindo apenas sobreviver, sentem-se eternamente insatisfeitos, sendo por tal motivo, possível despertar facilmente suas emoções e exercer influência sobre eles. Frequentemente, mesmo quando as disputas possam solucionar-se através da negociação coletiva, os comunistas instigam a greve com o fito de criar instabilidade.¹⁰⁸

Gilbert Richmond, tesoureiro secretário do Instituto foi incumbido de reunir pessoas habilitadas a realizar pesquisas relacionadas aos interesses do Instituto, podendo promover cursos, seminários, conceder bolsas de estudo, intercâmbios e atividades relacionadas a o objetivo social designado. Provenientes dessas iniciativas, nasceram alguns importantes trabalhos dos quais irei fazer uma breve apresentação a seguir.

Radiografia da Liderança Sindical Paulista foi um importante estudo em todos os sentidos sobre a liderança sindical paulista. Um trabalho que levantou importantes informações a respeito de sindicatos de São Paulo como nível de sindicalização, formação escolar dos líderes sindicais, atuação sindical, imposto sindical, justiça do trabalho e greve. O objetivo declarado por Marcondes é o de fazer uma pesquisa com questionários padronizados para, a partir dessas informações, conseguir levantar as informações para as ações futuras do ICT.

Meu objetivo não é fazer um fichamento dessas questões, mas, sim, analisar de maneira crítica a interpretação que foi feita sobre esses dados. Também ressalto o cuidado que deve ser tomado para a utilização deste material, pois ele advém de uma instituição com claros objetivos ideológicos e de ação. Os comentários do autor são sempre no sentido de desqualificar ou valorizar uma resposta da maneira que melhor lhe convier.

Os entrevistados mostraram-se desconfiados com os reais motivos das entrevistas. Um dos entrevistado comentou que ficaria muito desapontado se aquele questionário fosse parte de um inquérito policial e não de uma pesquisa de fato.

Na introdução do seu estudo o autor já estabelece a relação que pretende abordar sobre o sindicalismo com uma longa citação de Frank

¹⁰⁸ **Apostila do ICT sobre contrato coletivo de trabalho.** APESP, Deops, série dossiês, documento 50-J-0- 1198. Apud CORREA, 2013

Tanneumbaum, sociólogo e criminologista americano, o sindicalismo como peça da luta contra o marxismo.

A sindicalização do trabalhador é o movimento conservador contemporâneo. Nela reside a contrarrevolução. Sem o fazer deliberadamente, voltou as costas à maioria das ideias políticas e econômicas alimentadas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos nos últimos dois séculos. Na prática, se bem que de modo não expresso, nega a herança que flui da Revolução Francesa e do Liberalismo inglês. Por outro lado é o repúdio total do Marxismo. Esse desafio tão profundo aos tempos que correm, tem passado geralmente despercebido porque a preocupação constante dos sindicatos, dirigida aos atritos miúdos, oriundos das relações entre trabalhador e o emprego que ele exerce, não parecia implicar programa de grandes linhas. Contudo, ao se entreter com questões de pequena escala – as horas de trabalho, salário, as condições nas fabricas e as garantias trabalhistas – os sindicatos estão, de fato, reconstruindo a sociedade industrial de hoje em base assaz diferente do quadro que se delineara na mente dos filósofos, economistas clássicos e dos revolucionários sociais dos séculos XVIII e XIX ¹¹⁰

Um dado importante da pesquisa do ICT verificou que 104 entidades sindicais que foram apontadas pelo governo como ativas em São Paulo, dez já estavam fechadas e não exerciam mais nenhuma atividade sindical quando o ICT foi a campo para aplicar os questionários. ¹¹¹

Na opinião do autor, com a qual concordamos, em termos quantitativos a pesquisa foi um sucesso, pois obteve uma taxa de adesão de 88% dos sindicatos. Foi destacada a possibilidade, desde o início da pesquisa, de uma certa dificuldade de se conseguir conversar com alguns dirigentes, pois estariam em viagens ou seriam os “vermelhos” que se recusariam. ¹¹²

Sobre a pesquisa não vou me ater a todos os pontos abordados pelos questionários como faixa etária, estado civil, quantidade de filhos dos dirigentes e outros pontos. Vou citar apenas o que de relevância identifiquei para a análise.

Sobre escolaridade, Marcondes volta ao ponto que relaciona a baixa escolaridade com a falta de qualidade do sindicato. Afirma que o nível é muito baixo e duvida da capacidade desses dirigentes projetarem o sindicalismo como era feito em outros países.

¹¹⁰ TANNEUMBAUM, Frank. **O Sindicato no mundo moderno**, Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963 p. 9. Apud MARCONDES, 1964 p. 9.

¹¹¹ MARCONDES, 1964 p. 12 – 13.

¹¹² Idem p.19.

Quadro 1: Nível de escolaridade da Liderança Sindical Paulista

NÍVEL	QUANTIDADE	%
INSTRUÇÃO PRIMÁRIA	30	38,5%
INSTRUÇÃO PROFISSIONAL	14	18%
INSTRUÇÃO SECUNDARIA	18	23%
INSTRUÇÃO SUPERIOR	16	20,5%
TOTAL	78	100%

Fonte: *Radiografia da Liderança Sindical Paulista*

A visão ideológica que domina a mente de Marcondes e dos artífices do ICT, já citado antes, é a de que os membros das classes subalternas são inferiores em capacidade intelectual para agirem de acordo com os princípios “democráticos”, pois não são organizados e não formam consciência coletiva. Sobre isso, chegava a afirmar que o “brasileiro é por formação histórica, destituído ou pouco propenso ao associativismo, inclusive o profissional.”¹¹³ A ausência de “líderes autênticos” é identificada como a culpada pela baixa adesão da base de trabalhadores em alguns sindicatos.

Entre as questões sobre a história do dirigente sindical, consta uma pergunta sobre como este passou a se preocupar com o sindicalismo. As perguntas estão abaixo, e a análise de Marcondes não surpreende.

Quadro 2: Quando passou a se preocupar com sindicalismo?

RESPOSTA	QTD	%
MELHORAR AS CONDIÇÕES DO TRABALHADOR	27	30%
UNIR A CATEGORIA	24	27%
PORQUE O SINDICATO É O ÓRGÃO DE DEFESA DO TRABALHADOR	19	21%
PORQUE O SINDICATO É A FORÇA ATUANTE NA LUTA ENTRE O CAPITAL E O TRABALHO	6	7%
INJUSTIÇAS SOCIAIS	4	4%
DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS	2	2%
PARA LUTAR CONTRA OS PATROES	2	2%
PARA LIBERTAR O SINDICALISMO DA POLITICA	1	1%
PARA CONHECER MELHOR A VIDA TRABALHISTA	1	1%
NÃO RESPONDERAM	5	5%
TOTAL	91	100%

Fonte: *Radiografia da Liderança Sindical Paulista*

Como já expusemos anteriormente, o ICT propagava uma ideia de sindicalismo específica e a concórdia entre capital e trabalho era parte fundamental. Entretanto, nos anos finais da era do populismo, o Estado estava

¹¹³ MARCONDES, 1964 p.17.

em crise. O “estado de compromisso” entrou em declínio e as massas populares apareceram como uma força social capaz de proporcionar a realização da política de reformas de base. Sendo assim o regime populista:

...condenado pelas forças que o compunham. Condenado pela direita e pelas classes médias que se aterrorizavam ante a pressão popular crescente; pelos grandes proprietários assustados com o debate sobre reforma agrária e a mobilização de massas rurais; pela burguesia temerosa também da pressão popular e já vinculada, por alguns de seus setores mais importantes dos interesses estrangeiros. E, apesar das intecções de alguns de seus líderes, encontrava-se condenado também pela fragilidade do populismo que se mostrava incapaz não só de manter o equilíbrio de todas essas forças como também de exercer um controle efetivo sobre o processo de ascensão das massas.¹¹⁵

Os dois dirigentes que escolheram a opção de “lutar contra os patrões” não entenderam o espírito do movimento sindical “moderno”, pelo qual as relações devem ser abrandadas e não postas em conflito. São os “vermelhos”, palavra que é repetida à exaustão em todos os capítulos quando algum objetivo seu é frustrado na pesquisa que foi feita. Como, por exemplo, quando foi perguntado “Quais as forças que se opõem ao desenvolvimento do sindicalismo livre e atuante?”. A resposta mais frequente foi: o “capitalismo retrogrado” com 18 respostas em 60, isto é, 30% do total. Entretanto, o autor da pesquisa faz questão de relatar que 10 dos que responderam “capitalismo” eram comunistas e os demais 8 acrescentaram a palavra “retrógrado” para relatar a relação onde há exploração do mais fraco pelo mais forte, portanto não se trataria exatamente do capitalismo de que estavam falando. Contudo, a mesma lógica não foi aplicada quando 10 das respostas apontaram que o comunismo era uma das ameaças ao sindicalismo; neste caso não houve nenhuma adendo, além da explicação de que era uma resposta mais precisa.¹¹⁶ O mesmo ocorreu na pergunta “O contrato coletivo de trabalho pode ser utilizado com vantagem no Brasil?”.¹¹⁷ Todos os que responderam “não” foram enquadrados como comunistas. Suas justificativas foram apresentadas em separado dos demais para favorecer a análise positiva das respostas “sim”, que teve como maior

¹¹⁵ WEFORT, Francisco. **O Populismo da Política Brasileira** 3ª edição, Editora Paz e Terra, 1980 p.78.

¹¹⁶ MARCONDES, 1964 p. 81.

¹¹⁷ Um dos grandes projetos do IADESIL era o de implantar os contratos coletivos de trabalho a modo de sobrepujar a CLT.

justificativa: “ser uma forma de favorecer o melhor entendimento entre o capital e o trabalho.”¹¹⁸

Como podemos observar nesta parte do trabalho, o ICT começou suas atividades fazendo uma pesquisa sobre a situação do sindicalismo paulista. Ressaltando-se que se trata de um recorte espacial relevante para o restante do Brasil, sua análise está repleta de preceitos e preconceitos que gostaria de implantar no movimento sindical brasileiro. A pesquisa foi feita algum tempo antes das expulsões dos dirigentes comunistas do comando dos sindicatos, mas as opiniões dos mesmos foram prontamente identificadas.

Em “Sindicalismo e Cooperativismo”, de Diva Benevides Pinho, apresenta-se um estudo sobre o plano doutrinário de sindicatos e cooperativas. E chega-se à conclusão de que ambos representam reações ao poderio do capital e sua interferência na vida dos trabalhadores. Porém, deveriam instituir o *self-help*, ou seja, autoajuda, contar consigo mesmo para superar essas dificuldades, sempre com neutralidade política, religiosa, étnica e não interferência dos poderes públicos.¹¹⁹

Na monografia *A Rede Sindical Paulista*, Ophelina Rabello faz uma síntese dos avanços econômicos de São Paulo no período entre guerras que geraram prosperidade para os empresários e o aumento de trabalhadores vindo de áreas rurais do Brasil. Segundo sua tese os sindicatos teriam aumentado a base de trabalhadores que contribuía com o desconto compulsório para o sindicato e por este motivo não faziam campanhas de associação ao sindicato. Desta forma, seriam instituições de caráter mais conservador do que renovador.¹²⁰

Apesar de identificar um número crescente de associações aos sindicatos, a autora relaciona o baixo engajamento ao fraco relacionamento social entre os trabalhadores, sendo esses incapazes de formar um grupo forte que lutasse pelos seus interesses. Julga que os trabalhadores recém-chegados de outras regiões do Brasil têm perspectivas modestas e associadas a baixa formação dos líderes sindicais, formam sindicatos fracos que apenas se mantêm

¹¹⁸ MARCONDES, 1964 p. 58 – 59.

¹¹⁹ PINHO, Diva Benevides. *Sindicalismo e Cooperativismo*, São Paulo, Instituto Cultural do Trabalho, 1964. p. 93.

¹²⁰ RABELLO, Ophelina. *A Rede Sindical Paulista*. São Paulo, Instituto Cultural do Trabalho, 1965. p. 154.

por sua estrutura vinculada ao Estado. Por associação podemos ligar este relato ao fracasso da proposta inicial do ICT, que era a transformação da legislação trabalhista de um modelo legislado para um modelo negociado. Não havia interesse dos dirigentes conservadores (não comunistas) na mudança do seu *status quo* de liderança legítima dos trabalhadores de determinada categoria. A formação de jovens líderes sindicais não era bem vista pelos velhos pelegos que estavam acomodados nas estruturas do sindicalismo oficial.

O sindicato como instituição social ainda não conseguiu alterar a maneira de pensar e agir da sociedade industrial paulista. Sua influência e as transformações conseguidas tem sido limitadas, criando apenas alguns padrões novos de relações industriais de feição perfeitamente identificáveis em todo o mundo industrial. O sistema não tem conseguido influir por si próprio e imprimir suas características como instrumento de luta e fator de mudança, inclusive no tocante a contratação coletiva de trabalho em larga escala.¹²¹

Não foram poupados esforços nas atividades do ICT para atingir seus objetivos. De abril de 1964 até dezembro daquele ano, o Instituto ofereceu cursos em diversos estados brasileiros, chamados de “ABC do Sindicalismo”. No primeiro ano de funcionamento, o ICT treinou 876 sindicalistas em seminários regionais, 100 em cursos de três meses realizados em São Paulo e 12 que foram para a escola do IADESIL nos Estados Unidos. O objetivo segundo Gilbert Richmond relatou em um relatório da Embaixada Americana em 4 de setembro de 1964, era formar em 2 anos 80% dos líderes sindicais brasileiros.¹²²

¹²¹ Idem p. 17.

¹²² NEGRO, op. cit., p. 236.



Imagem 2: Capa do manual do ICT

No ano de 1963 treze comitivas com mais de cem sindicalistas fizeram uma viagem de três meses para conhecer o sindicalismo e modo de vida norteamericano. Dentre esses estava um sindicalista que escreveu um livro de memórias. Tive acesso a esse diário e teci minhas impressões sobre ele. O livro é dedicado a Herbert Baker, adido trabalhista, que foi o responsável por sua visita e foi o mesmo que teve uma discussão pública com Roberto Campos,

ministro do Planejamento (1964-1967) do primeiro governo do regime ditatorial pós-1964, sobre o arrocho salarial.

Em *Síntese e Memórias*, Arthur Martins Filho descreve sua experiência em viagem aos Estados Unidos e México patrocinada pelo USAID (United States Agency for International Development) no intercâmbio de experiências com “sindicatos livres” conhecido como “de sindicato para sindicato”. Esse empreendimento não foi administrado pelo ICT, porém foi feito com a supervisão da ALF-CIO, contando com visita à sede do IADESIL em Washington DC.

Arthur relata sua admiração pela cultura americana, e sua excursão realizada com o grupo de sindicalistas do setor do comércio (Federação Nacional dos Empregados Vendedores e Viajantes do Comércio). Sua viagem durou de 24 de março de 1967 até 6 maio de 1967. Ele passou por grandes e pequenas cidades, fazendo turismo e contatos com diversos “sindicatos livres” associados ao AFL-CIO.

A conclusão sobre sua experiência nos Estados Unidos é de que o modelo de sindicalismo norte-americano é superior ao brasileiro, devido ao de seu país natal ter nascido de um regime paternalista, tutelado pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social, enquanto o norte-americano teria nascido de baixo para cima e vivia em harmonia e sem submissão ao Estado. Por outro lado, faz pouco caso da impossibilidade de um sindicato ligado a uma autarquia do governo fazer greve. A punição para deflagração de uma greve é a prisão por um ano, multa de mil dólares e a impossibilidade de voltar a trabalhar para o governo¹²³

Por outro lado, afirma que, no Brasil, o sistema de regulamentação trabalhista é melhor, pois a lei existe em âmbito federal, dando mais segurança ao trabalhador de qualquer região. Enquanto sistema americano é federativo e funciona em âmbito estadual.

No caso de disputas entre sindicatos e empresas observou que caso as disputas não sejam resolvidas em negociação, não há a Justiça do Trabalho

¹²³ FILHO, Arthur Martins. **Síntese e Memórias**: Observações do sindicalismo norte americano e de outros assuntos de interesse feitas por um estudioso do sindicalismo brasileiro, Federação Nacional dos Empregados Vendedores e Viajantes do Comércio. 1969 p. 66

como no Brasil. O instrumento apresentado para dirimir os conflitos é a mediação feitas através de um árbitro. O árbitro que irá decidir sobre a disputa, é um cidadão escolhido pelas partes que tem seus honorários divididos em 50% para cada, sua decisão é final sobre o assunto discutido. Os sindicatos são obrigados a apontar mediadores previamente ao início de um contrato e casos eles não sejam capazes de dirimir o problema, a solução é substituir os mediadores sucessivamente até que, esgotadas as alternativas, ocorre a arbitragem. Há uma forte carga de deslumbramento em seu relato sobre o país “onde tudo funciona”.

Durante sua viagem o grupo pôde entrar em contato com a cultura americana e o autor expôs algumas opiniões um tanto quanto contraditórias sobre o que estava vendo, e fazendo paralelos com a cultura brasileira. Como ponto negativo dos Estados Unidos, ressalta a “luta racial, que nós brasileiros, não podemos conceber, nem entender”.¹²⁶ Em outro trecho se contradiz sobre a existência de preconceito racial e a sua própria experiência como brasileiro e o racismo. Em visita a bairro negro de Washington DC, relata: “por onde andamos, não vimos absolutamente qualquer discriminação racial; as pessoas de cor tratadas em pé de igualdade com os brancos, bem vestidas, muitas possuidoras de automóveis e – coisa bem diferente do Brasil – o negro americano está completamente “desafricanizado” – influência do clima ou do meio?”.¹²⁷

O livro termina com um relatório assinado pelo grupo, que foi apresentado à USAID como documentação desta viagem por ela patrocinada. Neste relatório, o autor tece muitos elogios à cultura americana, sua religiosidade, o patriotismo exacerbado, o anticomunismo e também sobre o intercâmbio com os sindicalistas que lhes foi proporcionado. O profissionalismo dos sindicalistas americanos também é muito destacado.

Apesar dessa empolgação com o modelo americano, nem todos compartilhavam deste mesmo sentimento. Em um relatório do próprio ICT, 80 alunos que participaram do seu curso logo após o golpe civil-militar de 1964, foram perguntados se achavam que o Comando Geral dos Trabalhadores

¹²⁶ FILHO, Arthur Martins. Op. Cit. p. 171

¹²⁷ FILHO, Arthur Martins. Op. Cit. p. 22

(CGT)¹²⁸ era necessário: 50% responderam sim, 27% que não e 33% não responderam. A conclusão que se chega é que houve uma baixa adesão aos ideais propagados pelo “sindicalismo livre”.

Desses intercâmbios promovidos pelo IADESIL destacamos algumas figuras conhecidas na política brasileira que participaram no ano de 1963. Foram quinze deputados federais e dez governadores, entre eles José Sarney e Mario Covas.

Muitas foram as críticas feitas a esses intercâmbios, classificados como simplesmente turismo, como foi relatado por Silvio Nunes da Silva Rocha, que disse não ter nada que fosse acrescentar à sua experiência como líder sindical no Sindicato dos Petroleiros da Guanabara. Seu relato foi colhido na CPI de 1966.

Todos sabemos que o conservadorismo patronal torna a vida dos operários de determinadas fábricas num verdadeiro inferno. Quando um companheiro, por qualidades pessoais, ou por simpatia, seja lá qual for, atinge, por exemplo, a liderança de seu órgão de classe, muda de estado repentinamente, por causa da estrutura sindical brasileira. Ele passa a frequentar ministérios, a receber visitas de adidos trabalhistas de diversas nações, a fazer grandes viagens financiadas de avião a jato. Isso e tudo mais o deslumbra (...) Esse deslumbramento é fácil de ser entendido, quando todos sabemos que o espírito gregário do trabalhador brasileiro é abaixo da crítica.¹²⁹

Segundo Rocha, muitos dos sindicalistas que estavam participando desses cursos faziam-no simplesmente pela oportunidade de conhecer outros lugares, fazer contatos profissionais, até mesmo buscar oportunidades de trabalho no exterior. E que, quando perguntado algo sobre o curso e sua

¹²⁸ Organização intersindical de trabalhadores, de âmbito nacional, não reconhecida pelo Ministério do Trabalho, criada durante o IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores realizado em São Paulo em agosto de 1962, com o objetivo de orientar, coordenar e dirigir o movimento sindical brasileiro. Desarticulou-se devido à repressão desencadeada pelo movimento político-militar de 31 de março de 1964, que ocasionou a prisão de seus líderes, a intervenção nos órgãos sindicais oficiais filiados e a extinção de todas as demais organizações intersindicais. Portal CPDOC <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comando-geral-dos-trabalhadores-cgt> Acessado em 03/12/2018

¹²⁹ Depoimento prestado em 5 de fevereiro de 1968, relatório final da CPI das Entidades Estrangeiras. Arquivo da Câmara dos Deputados, Brasília-DF, Diário do Congresso Nacional, seção I, 28 de agosto de 1970, suplemento ao n.101, p. 26, terceira coluna apud. CORREA (2013) p. 222.

vivência no exterior, respondiam exatamente o que quem questionava gostaria de ouvir, como que o melhor modelo sindical seria o norte-americano.¹³⁰

¹³⁰ Idem p.223

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta monografia, tentamos apresentar alguns fatores que coexistiram em um determinado contexto histórico de Guerra Fria, imperialismo na América Latina, golpes e tomadas de poder pela elite orgânica na década de 60 do século XX relacionadas ao mundo sindical.

Nossa análise começou com um panorama do conturbado momento político pelo qual o Brasil passava no início na década de 60. A renúncia de Jânio Quadros, todas as crises até a posse de Goulart como presidente e a efervescência como a o sindicalismo, objeto do nosso trabalho, foram eventos cruciais naquele momento. Foram muitas greves que mobilizaram ou desmobilizaram diversas ações pelo Brasil. Temos a tendência de encarar esses movimentos como progressistas, entretanto, destacamos um grupo que não estava na luta pelas pautas de reformas e se alinhava mais ao conservadorismo que a políticas progressistas.

Esse grupo conhecido como “democrático”, tinha alinhamento com a política liberal e um forte anticomunismo em seu discurso e ações. Era uma plataforma diferente da esquerda e dos pelegos, que naquele momento ocupavam a maioria das cadeiras sindicais. Foi cooptado para um projeto de contenção do comunismo, alienação da classe trabalhadora com relação à política e para o projeto de implantação de um modelo “contratualista” de relações de trabalho chamado de “sindicalismo livre”. Foi apoiado pelas elites orgânicas nacionais formadas no capitalismo tardio brasileiro. Esse apoio contou com dinheiro, reforço teórico e estrutura estrangeira, através do IADESIL, uma instituição que foi constituída com apoio do USAID, da AFL-CIO e da CIA.

No Brasil essa não foi a primeira vez que houve apoio técnico e financiamento do sindicalismo por nações estrangeiras, já tendo ocorrido com o *Point IV Program* no fim da década de 40. Dessa vez, criaram em 1963 uma instituição para se dedicar a esse propósito, chamada Instituto Cultural do Trabalho e controlada pelo IADESIL.

Com a derrubada de Goulart por um golpe civil-militar em 1964, no qual, que segundo fontes do ICT, seus alunos tiveram participação, o caminho estaria aberto para a implantação do “sindicalismo livre”, já que haviam

perseguido os comunistas e os expulsado dos sindicatos. O novo governo era saudado pelos sindicalistas norte-americanos, como William Doherty Jr, que declarou em uma rádio americana:

Alguns líderes sindicais foram bastante ativos nas operações clandestinas que antecederam a Revolução de 1º de abril. O que aconteceu no Brasil não aconteceu por acaso, foi uma ação planejada com meses de antecedência. Muitos dos líderes sindicais, alguns deles treinados no nosso instituto, envolveram-se na Revolução e na deposição do regime de Goulart.¹³¹

Contudo o general presidente Castello Branco não deu os passos necessários para a implantação de um novo modelo de sindicalismo que diminuísse o papel do Estado nas negociações. Pelo contrário, aumentou a pressão sobre os sindicatos e implantou uma política de arrocho salarial para conter a inflação. Esses não eram termos possíveis de serem negociados pelos sindicalistas “autênticos”. Apesar de estarem bastante satisfeitos com a perseguição aos comunistas e continuando a importar sindicalistas para fazer cursos nos Estados Unidos e enviando dinheiro para as atividades alinhadas a sua ideologia, não alcançaram o seu objetivo de alterar o modelo legislado brasileiro.

Diversos foram os fatores, além dos destacados no parágrafo anterior. Havia a resistência dos próprios sindicalistas à mudança. Já estavam bem confortáveis com o modelo vinculado ao Estado e não pretendiam mudar. Os sindicatos mais progressistas viam os cursos no exterior como turismo feito à custa de posição dentro dos sindicatos e os cursos em si como escolas de pelegos.

Havia muitas críticas ao modelo de cursos escolhidos para serem muito teóricos e não atingirem a massa dos trabalhadores, dado que a visão elitista de educação dos seus dirigentes permitiu essa metodologia. Em 1967 houve uma reformulação administrativa e educacional do instituto. Dirigentes brasileiros passaram a ocupar as vagas que antes eram preenchidas por estrangeiros e os cursos foram reformulados para melhor atender aos sindicalistas brasileiros. A eficácia do treinamento também pode ser questionada, Apesar de todos os

¹³¹ SUSSMAN, Michael J., op. cit. Ver também, GREEN, James. Apesar de vocês. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 61-3 APUD CORREA, 2013. p.70.

entraves encontrados durante o governo de Castello Branco, e posteriormente no de Costa e Silva (1967-1969), uma pesquisa conduzida por Marcondes revelou que 50% dos alunos treinados achavam que a organização do CGT ainda era necessária para o sindicalismo brasileiro.

Fica a impressão que o IADESIL falhou na sua tarefa de implantar o “sindicalismo livre”, porém podemos afirmar que agiu com bastante sucesso em conseguir informações sobre a política brasileira nesse período tão conturbado.

Esse trabalho apenas arranhou a superfície das intrincadas relações Brasil-Estados Unidos na questão do trabalho e ainda há muito a ser pesquisado sobre o tema. Espero ter contribuído com essa síntese para um melhor entendimento sobre o assunto e que ocorram mais pesquisas sobre o ele, tão escassas no presente.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Helena Moreira. Estado e Oposição no Brasil (1964 – 1984), Petrópolis, Vozes, 1984

BASTOS, Abguar – Prestes e a Revolução Social. Fatos políticos, condições sociais e causas econômicas de uma fase revolucionária no Brasil. Rio de Janeiro, Calvino, 1946.

BASS, George Nelson III, "Organized Labor and U.S. Foreign Policy: The Solidarity Center in Historical Context" (2012). FIU Electronic Theses and Dissertations. Paper 752

CASTRO, Sandra. “Apogeu e crise do populismo – (1945 – 1964) in Movimento operário brasileiro 1900/1979, do Coletivo “Edgar Leuenroth”, Ed Vega, Belo Horizonte, 1980

CORREA, Larissa Rosa. Disseram que voltei americanizado Relações sindicais Brasil - Estados Unidos na Ditadura Civil Militar (1964 – 1978) UNICAMP 2013. Tese de Doutorado em História – Programa de Pós-Graduação Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013.

COSTA, Sérgio Amad. Estado e Controle Sindical, T.A. Queiroz Editor, São Paulo, 1986

COSTA, Sergio Amad. O CGT e as lutas sindicais brasileiras (1960 - 1964), Ed do Grêmio Politécnico, São Paulo, 1981 p. 140. In MANFREDI, Silvia Maria. Educação Sindical Entre o Conformismo e a Crítica, 1986.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3.

DREIFUSS, René Armand. 1964: A conquista do estado. Ação política, poder e golpe de classe. Editora vozes. 4º edição, 1981.

_____Internacional Capitalista. Estratégias e Táticas do Empresariado Transnacional. Editora Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1986.

DUTT, R Palme. Fascism and Social Revolution New York, 1934

FILHO, Arthur Martins. Síntese e Memórias: Observações do sindicalismo norte americano e de outros assuntos de interesse feitas por um estudioso do sindicalismo brasileiro, Federação Nacional dos Empregados Vendedores e Viajantes do Comércio. 1969

GRAMSCI, Antônio. A Concepção Dialética do Mundo.

_____Cadernos do Cárcere, Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos – O Breve Século XX 1914 – 1991, Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

MAGNANI, Silvia Lang. O Movimento Anarquista de São Paulo (1906 – 1917) São Paulo, Brasiliense, 1982

MANFREDI, Silvia Maria. Formação Sindical. História de uma prática cultural. Escrituras. São Paulo, 1996

_____Educação sindical entre o conformismo e a crítica. Coleção Educação popular, Editora Loyola, 1986.

MARCONDES, J V Freitas. Educação dos trabalhadores e líderes sindicais democráticos. In Revista de problemas brasileiros, 1964.

_____ Radiografia da Liderança sindical, Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1964.

_____ Educação dos trabalhadores e líderes sindicais democráticos, Revista de problemas brasileiros, (Fed. do comercio) Ano II, n.14, São Paulo, maio, 1964.

_____ Primeiras atividades. Instituto Cultural do trabalho, 1964

_____ Revolução Paulista. Boletim dos 21 Irmãos-Amigos, 1982

_____ Um Novo Front Educacional: o sindical, in revista de problemas brasileiros, Fed. Do Comércio, ano V, n 56, Nov., São Paulo 1967

MORRIS, George. A Cia e o Movimento Operário Americano, Civilização Brasileira, 1967

MORRIS. Richard B. Encyclopedia of American History, Harper & Brothers, New York, 1961

NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves(Org.). O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 3.

PINHO, Diva Benevides. Sindicalismo e Cooperativismo, Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1964

RABELLO, Ophelina. A Rede Sindical Paulista. Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1965

RADOSH, Ronald. American Labor and United States Foreign Policy in. BLACK, K Jan, United States Penetration of Brazil, The University of Pennsylvania Press, Inc. 1977.

RODRIGUES, José Albertino. Sindicato e Desenvolvimento no Brasil. Difusão Europeia do Livro, São Paulo 1968

SCHLESENER, Anita Helena. Hegemonia e Cultura. Editora UFPR 3ª edição Curitiba 2007.

TANNEUMBAUM, Frank. O Sindicato no mundo moderno, Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963

WEFORT, Francisco. O Populismo da Política Brasileira 3ª edição, Editora Paz e Terra, 1980

Outras Fontes:

“10 anos...”. Texto sobre a situação do povo brasileiro em 10 anos do Regime Militar no Brasil, s.n.t. CEDEM/Unesp, fundo ASMOB, ex17.03.59.4/037 apud CORREA, 2013

AIFLD. Country Plan for Brazil. Social Projects Department. Washington DC. AIFLD 1964.

Apostila do ICT sobre contrato coletivo de trabalho. APESP, Deops, série dossiês, documento 50-J-0- 1198.

Arquivos do Instituto do Direito Social, vol13/1, março, São Paulo, 1958, p.5: “Do Regulamento dos Cursos Técnicos de Direito Social.

Biografia de George Morris <http://snaccooperative.org/ark:/99166/w6ff3v35>
Acessado em 18/04/2018

Cursos Regionais de Educação Sindical, Instituto Cultural do Trabalho (198?)

Dados da classe dos comerciários. <http://secrj.org.br/noticias/esclarecimento-a-categoria-secrj-sob-intervencao-da-justica-do-trabalho/> Acessado em 15/05/2016

DECRETO nº 19.770, de 19 de Março de 1931.

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19770-19-marco-1931-526722-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 24/07/2018

DECRETO Nº 24.694 DE 12 DE JULHO DE 1934.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24694.htm Acessado em 24/07/2018

DECRETO-LEI Nº 1.402, DE 5 DE JULHO DE 1939.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1402.htm Acessado em 24/07/2018

Enciclopédia Britânica Point Four Program

<http://www.britannica.com/event/Point-Four-Program> Acessado em 20/09/2015

Estatuto do Instituto Cultural do Trabalho, 1965.

Estudo do DIEESE sobre o reajustes salariais.

<http://www.dieese.org.br/balancodosreajustes/2016/estPesq81balancoReajustes1semestre2016.pdf> Acessado em 04/09/2016

ICT. Dois anos de atividades. Instituto Cultural do Trabalho, São Paulo, 1965.

Jornal o Lince – Edição 54

MELO, Luís Correia de Dicionário de Autores Paulista, São Paulo, 1954.

Peter Gribbin. Counter-Spy April - May 1979, pp. 4-23.

<https://archive.org/details/BrazilAndCIACounterSpyMagazine> Acessado em 05/12/2018

Portal de Notícias G1 com a ação do MPT no SECRJ

<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/06/dirigentes-de-sindicatos-enriquecem-com-desvio-de-dinheiro.html> Acessado em 08/04/2018

Portal da Central do Trabalhadores do Brasil Notícia sobre a eleição que substituiu o presidente do SECRJ

<https://portalctb.org.br/site/estaduais/sudeste/rio-de-janeiro/ctb-vence-eleicao-no-sindicato-dos-comerciarior-do-rio-de-janeiro> Acessado em 19/04/2018

Portal da Folha de São Paulo Obituário de J, V Freitas Marcondes

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2703200114.htm> Acessado em 18/07/2017

Portal Marxist Declaração Sobre a Política do PCB Voz Operária, 22-03-1958

Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>
Data de acesso: 08/07/2013

Portal do TRT - A decisão referente ao afastamento de Otton Mata Roma e de sua diretoria TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 1ª REGIÃO

<http://pje.trt1.jus.br/segundograu/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?nd=14111311422248800000002811860>

Reader's Digest, out. 1966

Survey of the Alliance for Progress – Labor Policies and programs. Documento preparado por uma comissão do Senado Americano em 1968

Taft-Hartley Act (1947) <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3407400279.html>. Acessado em 22/09/2015

Veja. Sempre a Cia, 1 de Junho de 1979.